

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

IVANILDE JOSÉ ROSIQUE

PAULO: TRAJETÓRIA E ASPECTOS TEOLÓGICOS

São Leopoldo

2018

IVANILDE JOSÉ ROSIQUE

PAULO: TRAJETÓRIA E ASPECTOS TEOLÓGICOS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R821p Rosique, Ivanilde José
Paulo : trajetória e aspectos teológicos / Ivanilde José
Rosique ; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2018.
69 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Paulo, Apóstolo, Santo. 2. Paulo, Apóstolo, Santo –
Teologia. 3. Bíblia. Epístolas de Paulo – Crítica,
interpretação, etc.. I. Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

IVANILDE JOSÉ ROSIQUE

PAULO: TRAJETÓRIA E ASPECTOS TEOLÓGICOS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data de Aprovação: 24 de julho de 2018.

Dr. Flávio Schmitt– Faculdades EST

Me. Verner Hoefelmann – Faculdades EST

Dr. José Adriano Filho –UNICAMP

À minha família!

AGRADECIMENTOS

Uma etapa muito importante da minha vida termina nesse momento, através desse trabalho final de mestrado. Assim, agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui, ter enfrentado todas as etapas desse curso com saúde e alegria.

Agradeço a minha amada esposa Gilsa, companheira de todas as horas e que, como tudo em nossa vida, concluiu ao meu lado esse curso, conquistando também seu título de mestre.

Agradeço ao meu orientador Dr. Flavio Schmitt por ter me ajudado a construir esse trabalho, com suas sugestões e correções sempre pertinentes, mas com a paciência e o carinho de um verdadeiro mestre.

Aos meus filhos, razão da minha vida, que abrilhantam essa jornada todos os dias.

A doutora Gener Rassen por sua colaboração.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização desse sonho.

O temor do Senhor deveria ser expresso pela obediência aos mandamentos de Deus. Uma mudança de coração deveria ser expressa por uma mudança de comportamento. Somente então poderia ser dito que uma pessoa tinha aprendido a Lei de Deus. Aprender a Lei não era algo divorciado da vida, mas antes algo que controlaria toda a vida.

DOWNS, 2001.

RESUMO

Paulo é um personagem de grande relevância para o Cristianismo, com uma história de vida que tem enriquecido cristãos e não cristãos há dois mil anos. Entretanto, falar de Paulo nas igrejas cristãs tornou-se rotina, por vezes, enfadonha e repetitiva, sendo, portanto, importante redefinir Paulo, estudar sua vida e suas cartas. E, apesar da vasta literatura que aborda aspectos da vida e teologia de Paulo, esse é um assunto fascinante e quase inesgotável. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi traçar uma linha histórica sobre alguns pontos da trajetória de Paulo, desde as suas origens familiares, educação, infância e adolescência, perpassando por sua conversão e viagens missionárias, até suas prisões e morte, bem como pontuar sobre sua teologia. Na conclusão desse trabalho ressalta-se a dedicação de Paulo em divulgar o Evangelho a povos distantes, sendo considerado, por muitos autores, como o bandeirante dos Evangelhos.

Palavras-chave: Saulo de Tarso. Apóstolo Paulo. Cartas de Paulo. Teologia de Paulo.

ABSTRACT

Paul is a person of great relevance for Christianity, with a life story that has enriched Christians and non-Christians for two thousand years. However, to speak of Paul in the Christian churches has become routine and sometimes boring and repetitive. Therefore, it is important to redefine Paul, study his life and his letters. And, despite the vast literature which deals with aspects of the life and theology of Paul, this is a fascinating and almost inexhaustible subject. In this way, the goal of this paper is to outline a historical line about some points of Paul's trajectory, from his family origins, education, infancy and adolescence passing through his conversion and missionary travels, up to his imprisonments and death, as well as dealing with his theology. In the conclusion of this paper one must highlight Paul's dedication to propagating the Gospel to distant peoples, being considered by many authors as the Gospel trailblazer.

Keywords: Saul of Tarsus. Apostle Paul. Paul's letters. Paul's theology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OS PRIMEIROS ANOS E A ADOLESCÊNCIA DE SAULO	19
2.1 Saulo – Origem e Família	19
2.2 Saulo – Educação	25
2.2.1 A Educação na Grécia Antiga	26
2.2.2 A Educação de Saulo	30
3 PAULO EM JERUSALÉM E SUA CONVERSÃO	35
3.1 Morte de Estevão e perseguição aos cristãos	35
3.2 Conversão em Damasco	39
3.3 O missionário itinerante	43
3.4 Prisão e morte de Paulo	49
4 TEOLOGIA DE PAULO: AS CARTAS DE PAULO, COM ÊNFASE NA CARTAS AOS CORÍNTIOS E CARTA AOS ROMANOS	53
4.1 Cartas aos Coríntios	60
4.2 A Carta aos Romanos	62
5 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho final de mestrado em teologia tem como tema central “Paulo: Trajetória e Aspectos Teológicos”. Ele visa contribuir, ainda mais, para a difusão da história desse espetacular apóstolo e seu papel fundamental para a consolidação do Cristianismo.

Muitos trabalhos já foram escritos sobre esse apóstolo. Entretanto, muitas vezes, as informações são contraditórias. Fora da literatura teológica, tem-se dificuldade em encontrar textos que tracem o histórico de sua vida de forma linear, o que se buscou fazer nesta pesquisa.

Assim, o objetivo desse trabalho é estudar os principais acontecimentos da vida de Paulo, desde a sua origem até sua morte, bem como, discorrer, de forma sucinta, sobre as Cartas aos Coríntios e a Carta aos Romanos.

A construção do trabalho foi realizada por revisão de literatura, embasando-se em trabalhos previamente escritos por outros autores, constituindo-se de livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Foi dividido em três capítulos, a saber: Os primeiros anos e a adolescência de Paulo; Paulo em Jerusalém e sua conversão e Teologia de Paulo: Cartas aos Coríntios e Carta aos Romanos.

No primeiro capítulo, denominado “Os primeiros anos e a adolescência de Paulo”, tratou-se das origens de Paulo, sua família e educação, perfazendo os períodos da infância e adolescência de Paulo. No segundo capítulo, chamado “Paulo em Jerusalém e sua conversão”, buscou-se comentar sobre o tempo em que Paulo viveu em Jerusalém, sua conversão na estrada de Damasco e as consequências desse evento, suas viagens missionárias, até as prisões e morte de Paulo. No terceiro capítulo, denominado “Teologia de Paulo: Cartas aos Coríntios e Carta aos Romanos”, fez-se uma apresentação das treze cartas de Paulo e, de forma breve, teceu-se alguns comentários sobre as Cartas aos Coríntios e a Carta aos Romanos.

É importante ressaltar a importância da Teologia Paulina, a qual reflete a essência do que se pretende compreender, para atender as necessidades básicas

da igreja cristã, como a verdade da mensagem cristã ensinada a toda comunidade, assim como sua interpretação a cada geração.

Bruce¹, estudioso da literatura antiga, por mais de meio século, dedicou maior parte do seu tempo a estudar as cartas de Paulo por ser tão ricamente recompensadoras, pois estas revelam o calor atraente da personalidade de Paulo, sua estrutura intelectual, a pregação jubilosa do evangelho da graça redentora, seu dinamismo pelo mundo ao propagar o evangelho. Paulo dedicou a sua vida, unicamente, a cumprir o que lhe foi designado no caminho de Damasco, cujo objetivo maior de sua missão era levar obediência e fé em Cristo entre os gentios (Rm 1.5), a fim de ver seu nome exaltado e todo joelho dobrado diante da glória de Deus, em Jesus Cristo (Fp 2.10-11; 16.17).

¹ BRUCE, F. F. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003. p.37.

2 OS PRIMEIROS ANOS E A ADOLESCÊNCIA DE SAULO

Estudar sobre Paulo, falar sobre ele, sua vida e sua obra é, com certeza, um dos mais fascinantes assuntos. Por se tratar de um tema quase inesgotável, o intuito desse trabalho é trazer algumas reflexões sobre essa impressionante trajetória, de uma riqueza incomparável, buscando uma aproximação de sua verdadeira face, de forma clara e simples. Segundo Ferreira²:

Sobre Paulo muitas teorias já foram elaboradas. Muitas palavras soltas já foram ditas e inúmeras projeções pessoais foram feitas. Paulo já foi tido como fundador do Cristianismo; já foi acusado de inimigo das mulheres; submisso ao império; antissemita; moralista; falso apóstolo. Enfim, diversos conceitos foram traçados sobre esse apóstolo. Nos últimos anos, contudo, buscou-se, cada vez mais, aproximar-se da verdadeira expressão de Paulo. Tentou-se resgatá-lo desse emaranhado de teorias e delimitar seu verdadeiro rosto. Rosto esse que é de um judeu, fariseu (Fl 3:3-6) que experienciou Jesus (At 9:3-9; 1Cor 9:1; 15:8; Fl 3:12; Gl 1:15-17) e a partir dessa experiência, delimitou toda sua vida, impondo a si mesmo a tão sublime missão de Anunciar, a qualquer custo e até os confins da terra (Rm15: 24.28), o evangelho de Deus (Rm 1:1). Nas palavras do próprio Apóstolo: “ai de mim de se não Evangelizar” (1Cor 9:17).

Dessa forma, para traçar uma trajetória histórica da vida de Paulo, não há como não mencionar Saulo. Neste capítulo, portanto, faz-se menção ao nome Saulo até o momento de sua conversão e, então, a mudança para o nome Paulo.

2.1 Saulo – Origem e Família

Muito pouco se conhece sobre os primeiros anos da vida de Saulo, bem como o ano exato de seu nascimento. De acordo com Schnelle³: “Ele deve ter nascido em meados da primeira década da era cristã. Em Fm 9 (escrito cerca 62 d.C.), ele se caracteriza como ‘homem idoso’; naquele momento, ele teria aproximadamente 55 anos”.

Sabe-se que nasceu em Tarso, capital da província da Cilícia, na Ásia Menor, costa sul do Mar Mediterrâneo, hoje Turquia, no quinto ano da era cristã. Tarso é narrada como uma proeminente cidade, a qual, com exceção de Atenas e

² FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Paulo de Tarso, um breve perfil biográfico**, 2008. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1248&id_autor=25&id_utente=&caso=artigos>. Acesso em: 1 out. 2017.

³ SCHNELLE, UDO. **Paulo: Vida e Pensamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 63.

Alexandria, era o principal ponto da cultura helênica da época. Era um centro comercial muito importante, sendo um local de encontro entre duas diferentes culturas: a heleno-romana do Ocidente e a semita-babilônica do Oriente⁴. De acordo com Schnelle⁵:

Pela cidade passava uma importante rota de comércio de Antioquia na Síria para a costa egeia da Ásia Menor, e Tarso era o ponto inicial de uma rota comercial que ligava o Mar Mediterrâneo com o Mar Negro. Em 66 a.C., Tarso tornou-se a capital da nova província romana da Cilícia, entre cujos procuradores romanos está também Cícero (51/50 a.C.). Nas perturbações da guerra civil, Tarso tomou, em 47 a.C., o partido de César, algo que causou inicialmente grandes dificuldades para a cidade, mas depois lhe rendeu os favores de Marco Antônio e Augusto. No século I d.C., Tarso era uma cidade de vida econômica e cultural florescente. Xenofonte louva Tarso como “grande e feliz”, e numerosos filósofos, retóricos e poetas atuavam na cidade”.

Muitos historiadores falam que a cidade possuía cerca de 300.000 habitantes na época em que Saulo vivia⁶. Mesters comenta em seu livro sobre Tarso: “Muita gente, ruas estreitas, casas pequenas, vida apertada, muito barulho! Para o Sul, a cidade se abria para o mar Mediterrâneo; para o Norte, se espremia ao pé de uma serra que subia até três mil metros de altura⁷.”

A Figura 1 mostra a localização de Tarso, de acordo com a distribuição geográfica da época. Pode-se observar, pela análise do mapa, que Tarso possuía uma localização geográfica estratégica, sendo banhada pelo mar Mediterrâneo, tendo, assim, importante atividade portuária. Além disso, Tarso possuía uma importante estrada romana que fazia a ligação entre Ocidente e Oriente⁸.

⁴ ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o Maior Bandeirante do Evangelho**. 6 ed. São Paulo: Fundação Alvorada, 1999.

⁵ SCHNELLE, 2010, p. 64.

⁶ MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho**. 1 ed. São Paulo: Paulos, 1991. p.15.

⁷ MESTERS, 1991, p.15.

⁸ MESTERS, 1991, p.15.



Figura 1: Localização geográfica da cidade de Tarso à época de Saulo

Fonte: Pinterest⁹

No que diz respeito a Saulo, sabe-se que descendia de uma família de hebreus, da Tribo de Benjamim. De acordo com Bruce¹⁰:

O território original da Tribo de Benjamim ficava imediatamente ao norte da área de Judá, que era muito maior. Jerusalém, pertencente à Judá, formava um enclave dentro de Benjamim. Quando a monarquia foi dividida, após a morte de Salomão, Benjamim foi trazido pela atração da gravidade para junto de Judá e Jerusalém, formando o reino do Sul. O povo de Benjamim, naturalmente, tendeu a perder sua identidade tribal, porém alguns, pelo menos, não permitiram que ela se apagasse, e mesmo depois do retorno do exílio, houve repovoamentos, em Jerusalém e no território adjacente da Judéia, de pessoas que continuaram a ser conhecidas separadamente como “filhos de Benjamim” (Ne 11.7-9, 31-16). Provavelmente foi dessa família que Saulo traçava sua descendência.

A relação tribal dos pais pode ter influenciado a escolha do nome Saulo¹¹, já que esse era o nome do primeiro rei de Israel, o rei Saul, sendo, assim, um nome muito querido de todos os descendentes de Benjamim¹².

⁹ Disponível em: <<https://www.pinterest.co.uk/pin/568438784187616352/>>

¹⁰ BRUCE, 2003, p. 37.

¹¹ BRUCE, 2003, p. 37.

Além disso, é importante comentar que Saulo possuía cidadania romana, entretanto, como essa cidadania foi conseguida, é assunto controverso. Alguns autores falam que Saulo já nasceu com cidadania Romana, desse modo, seu pai deve ter sido cidadão romano. Bruce¹³ afirma:

A cidadania romana originalmente era restrita a nativos livres da cidade de Roma, mas, à medida que o controle romano da Itália e das terras do Mediterrâneo se ampliava, a cidadania era conferida a várias outras pessoas, de certas províncias seletas, que não eram romanos por nascimento.

Mesters¹⁴ menciona sobre esse assunto:

Fazia questão de dizer que era Cidadão Romano (At 16:37; 22:25) e que tinha esse direito de nascença (At 22:29), isto é, recebeu do pai! Quer dizer que o pai ou avô de Saulo conseguiu apropriar-se da Cidadania Romana a ponto de poder passa-la para os filhos! Isso requeria 'vultosa soma de dinheiro' (At 22:28).

Schnelle¹⁵, por sua vez, comenta que Saulo, provavelmente herdou a cidadania romana como “descendente de um escravo judeu liberto”. Também há controvérsia na literatura sobre o *status* social de Saulo. De acordo com Pollock¹⁶:

Nasceu num lar rico – seu pai era um cidadão ou burguês de Tarso, e numa reforma quinze anos antes a classe de cidadão havia sido removida de todas as famílias que não possuísem certa fortuna ou propriedades consideráveis. Além disso, a família possuía a cobiçada posição de cidadania romana. Nessa época, o *civis ro-manus* era raramente concedido, a não ser por causa de serviços prestados ou por um bom dinheiro. Quer o avô de Paulo tenha ajudado a Pompeu ou a Cícero quando Roma era governada pela Cilícia, quer seu pai houvesse comprado a cidadania, essa posição conferia distinção local e privilégios hereditários, os quais cada membro podia reivindicar onde quer que se encontrasse em todo o império.

Saulo era fabricante de tendas¹⁷, esse fato faz muito autores terem dúvidas em relação ao seu *status*. Entretanto, Schnelle¹⁸ comenta que sua profissão poderia está vinculada a sua educação farisaica, a qual valorizava o trabalho manual.

Ainda de acordo com Pollock¹⁹, nada se sabe sobre a mãe de Saulo, pois nunca a mencionou em seus textos, possivelmente, deve ter falecido quando ele

¹² BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do Apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998. p. 10.

¹³ BRUCE, 2003, p. 33.

¹⁴ MESTERS, 1991, p. 18.

¹⁵ SCHNELLE, 2010, p. 68.

¹⁶ POLLOCK, John. **O apóstolo**. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 1989. p. 8.

¹⁷ MESTERS, 1991, p. 18.

¹⁸ SCHNELLE, 2014, p. 67.

ainda era jovem, ou, talvez, segundo esse autor, não teve oportunidade de mencioná-la em seus escritos. Sabe-se que possuiu uma irmã.

Cabe mencionar que, como era um cidadão romano, Saulo possuía três nomes. Sobre isso Bruce²⁰ afirma:

Como cidadão romano, Paulo tinha três nomes: prenome (*praenomen*), nome de família (*nomen gentile*) e nome adicional (*cognomen*). Destes, conhecemos apenas seu *cognomen*, Paullus. Se soubéssemos seu nome *gentile*, poderíamos ter algum indício das circunstâncias em que a família adquiriu a cidadania, já que novos cidadãos costumavam adotar o nome da família de seu patrono – mas não temos nenhuma indicação neste sentido. O *cognomen* Paullus pode ter sido escolhido por causa da sua assonância com o nome judaico Saulo (*Sha'ul*, em hebraico), que, no Novo Testamento Grego, às vezes é escrito *Saoul*, mas, com mais frequência, *Saulos*, de modo a rimar com o grego *Paulos*.

Assim, em casa, Saulo era o nome utilizado, como forma de ressaltar sua origem hebraica, que era muito importante em seus primeiros anos. Entretanto, onde vivia, a influência da cultura heleno-românica estava em toda parte. Templos pagãos dominavam a cidade. Dessa forma, os judeus que habitavam as encostas do mar Mediterrâneo eram muito influenciados pelo mundo grego. No entanto, a pesquisa tem discutido em que consistiu efetivamente esta influência na infância de Saulo, pelo fato de seus pais serem fariseus fervorosos, sendo “membros do partido judaico nacionalista mais fervoroso e mais estrito em sua obediência à lei mosaica”²¹. Ainda segundo Pollock²²:

Esses fariseus procuravam proteger seus filhos da contaminação. Desestimavam a amizade com crianças gentias. Desprezavam as ideias gregas. Embora Paulo, desde a infância, falasse grego, a língua franca de então, e tivesse conhecido o latim, em casa a família falava o aramaico, a língua da Judeia, derivada do hebraico.

Dessa forma, Mesters²³ comenta que Saulo foi “criado dentro das exigências da Lei de Deus e das tradições paternas”, em um ambiente protegido e rígido de um bairro judeu, tendo, como preocupação maior obedecer às leis de Deus. Pollock²⁴ aduz ainda:

¹⁹ POLLOCK, 1989, p. 8.

²⁰ BRUCE, 2003, p. 34.

²¹ POLLOCK, 1989, p. 9.

²² POLLOCK, 1989, p. 10.

²³ MESTERS, 1991, p. 16.

²⁴ POLLOCK, 1989, p. 10.

Consideravam Jerusalém como hoje o islã considera Meca. Seus privilégios de pessoas livres e de cidadãos romanos nada eram diante da honra de serem israelitas, o povo da promessa, o único povo a quem o Deus vivo havia revelado sua glória e seus planos.

Assim, nesse contexto, é importante trazer o trecho das Escrituras, retirado de Gonçalves²⁵:

Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e a ressurreição dos mortos sou julgado! (At 23:6).

Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu. (Fp. 3:4-5).

Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. (Rm 11:1).

Ainda sobre o fato de Saulo ser hebreu, de família hebraica, muitos podem indagar sobre a ocorrência de ele ter nascido em uma cidade greco-romana. Segundo Mesters²⁶, desde o século VI antes de Cristo (a.C.), houve uma intensa migração de judeus para fora da Palestina em direção ao Império Romano, onde, em praticamente todas as cidades, havia bairros judeus, cada um com um templo e organização comunitária e, assim, formavam a chamada diáspora ou dispersão. É importante comentar que a estrada que fazia a ligação entre o Oriente e o Ocidente passava em Tarso, o que, por meio de romarias, visitas, promessas, estudos e outros, tornou a comunicação entre a diáspora e Jerusalém intensa. Dessa forma, Tarso era um grande centro comercial, enquanto Jerusalém se tornou o centro espiritual para todos os judeus. Por esse motivo, entende-se como Saulo nasceu em uma cidade grega e foi criado em Jerusalém (At 22.3; 25.4-5; Cf. 23.16). Segundo o mesmo autor, fundamentado em At 26.4, Paulo declarou: “Todos os judeus sabem como foi minha vida e que desde o início vivi no meio do povo e em Jerusalém”.

²⁵ GONÇALVES, Edson Poujeaux. **A vida de Paulo**. Patos: Seminário Evangélico de Patos, 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/82360841/A-vida-de-Paulo-PDF>>. Acesso em: 04 out. 2017

²⁶ MESTERS, 1991.

2.2 Saulo – Educação

Tarso, além de ser um centro comercial, era, também, um centro intelectual do oriente, onde existia uma escola famosa e havia o domínio da filosofia estoica, uma escola que surgiu na primeira metade do século IV a.C., fundada por Zenão Cítio. Zenão, sendo estrangeiro, reunia-se com filósofos estrangeiros na entrada da cidade – *stoá* – daí a origem do nome estoicismo. O Estoicismo é uma corrente filosófica que se tornou popular, nos séculos seguintes, no Império Romano, entre os integrantes da elite. Zenão defendia, como filosofia, a aceitação da dor física como fundamento na resistência humana, diante dos sofrimentos causados pelo mundo. Entre seus princípios está o aceitar, resignadamente, o que está determinado como evolução e declínio da vida, ou seja, aceitar com serenidade as adversidades da própria vida, como fatos irreversíveis determinados pelas leis universais cosmológicas²⁷.

Então Saulo está no seio de uma comunidade multicultural, sob muitas influências, porém era um judeu por convicção.

Em sua gênese familiar é judeu. Em seu universo social, está em estreito contato com gregos. Sua formação, portanto, caminha entre o amor a Torah e a envolvente filosofia de sua época. Esse elemento, sem dúvida, lhe facultará enveredar pelas diversas culturas (Rm 1:14; Gl 3:28) com grande destreza e sem nenhuma tibieza.

De próprio punho, ele diz acerca de si mesmo que é Hebreu, Israelita (2Cor 11:22; 11:1; Fl 3:5) e pertence a tribo de Benjamin (2Cor 11:22; Rm 11:1; Fl 3:4-5). A insistência em afirmar que é judeu de Israel, denuncia que Paulo, embora não sendo criado em Jerusalém – portanto, da diáspora – era um judeu convicto, descendente de família Israelita. Sua origem é confirmada do ponto de vista religioso-jurídico quando afirma que fez a circuncisão ao oitavo dia (Fl 3:4). Somente, judeus que respeitavam as tradições de Israel, fariam a circuncisão fora de Jerusalém. Se nas cartas de Paulo não encontramos um lugar certo para sua origem, nos Atos dos Apóstolos, todavia, encontramos um discurso, que Lucas põe na boca de Saulo, onde ele indica sua origem (At 21:39; 22:3). Nesse texto, Saulo diz que nasceu na próspera cidade de Tarso – o que pode ser datado entre os anos 3-8 d.C.²⁸.

Vivendo ali, Saulo, certamente, cresceria sob as influências do estoicismo. Já seus pais eram fiéis à Lei Mosaica. Supõe-se que esse fato poderia causar grande conflito no pensamento do jovem integrante da diáspora. Rohden²⁹

²⁷ VASCONCELOS, Edjar Dias. **O que é a Filosofia Estoica**, 2016. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/21053-o-que-e-a-filosofia-estoica>>. Acesso em: 02 out. 2017.

²⁸ FERREIRA, 2008.

²⁹ ROHDEN, 1999, p. 24.

questiona: “Terá o pequeno Saulo frequentado o célebre “Gymnasion” da metrópole? Ou terá aprendido em casa, com um preceptor, o manejo magistral do idioma de Homero e de Aristóteles? Esse idioma que, mais tarde, redigiu suas epístolas?” Esse mesmo autor³⁰ ainda comenta:

Tudo isto via e ouvia o hebreuzinho, filho de ancestrais fariseus, nascido no ambiente livre e amplo duma província da Ásia, onde as armas de Roma dominavam os corpos e a filosofia de Atenas dominava os espíritos.

Difícilmente compreenderá as cartas de Paulo quem não respirou a atmosfera heleno-romano-judaica que ele inalou durante a sua infância e mocidade, à sombra de Taurus e às margens do Cydnus. Os seus escritos vêm repletos de alusões e reminiscências, de comparações e ideologias hauridas nos panoramas da Cilícia e coloridas pelas concepções mitológicas de uma população heterogênea, caldeada dos mais diversos elementos raciais.

Dessa forma, o contexto multicultural que Saulo vivia certamente influenciou sua educação, já que viveu em uma cidade de cultura essencialmente helênica, o que influenciou em seus textos. Assim, é mister fazer uma breve abordagem sobre a educação grega, antes de inferir algo sobre a educação de Saulo.

2.2.1 A Educação na Grécia Antiga

A história da Grécia Antiga, bem como seu desenvolvimento, está muito relacionada a sua localização geográfica, já que se constitui em um conjunto de ilhas, penínsulas e parte do continente europeu. Era formada por várias cidades-estados ou *polis*, relativamente independentes, possuindo, cada uma delas, seus reis, costumes e regras. Entretanto, seus habitantes se consideravam um só povo. Dentre essas cidades-estados, destacaram-se, no decorrer da história, Atenas e Esparta, sendo Atenas muito ligada à cultura, enquanto Esparta estava muito associada às guerras. Na época de Péricles (463-529 a.C.), Atenas atingiu seu auge, atraindo vários tipos de intelectuais de todas as localidades, podendo-se destacar nomes como: Fídias, arquiteto e escultor; Sófocles, autor de tragédias; Heródoto, o grande historiador; Ésquilo, autor de tragédias; Sócrates, o pai da filosofia; Eurípedes, autor de tragédias; Aristófanes, comediógrafo³¹.

³⁰ ROHDEN, 1999, p. 25.

³¹ LOBATO, Vivian da Silva. **Revisitando a educação na Grécia Antiga**: A Paidéia. 2001. 31f. Monografia (conclusão de curso) – Universidade da Amazônia – UNAMA – Centro de Ciências Humanas e Educação, Graduação em Pedagogia, Belém, 2001.

No início, a educação na Grécia, especialmente em Esparta, tinha a primordial tarefa de preparar seus cidadãos para as lutas em guerras, sendo, o ensino voltado para as artes militares e, dessa forma, também, para o preparo físico. Nesse sentido, a busca pela “excelência do homem” – a *aretê* – perpassava um ideal heroico, sendo a coragem e a desenvoltura nas lutas as características que eram buscadas. Portanto, nos primórdios das *polis*, a educação estava relacionada ao aprendizado militar e ao manejo das armas³².

Entretanto, é importante comentar que, muitas vezes, as várias *polis* diferiam entre si, em alguns aspectos, relacionados à educação. Leão, Ferreira e Fialho³³ citam em seu trabalho:

Esparta considerava todas as outras atividades estranhas a guerra — agrícolas, comerciais, industriais ou artesanais — indignas de homens livres; para essa *polis* apenas a guerra, e a sua consequente preparação, prestigiava e dignificava os cidadãos. Por isso proibia estes, os “Pares” (*Homoioi*), de se dedicarem a qualquer outra ocupação.

Atenas, por sua vez, começou a se preocupar com outras áreas, dando valor à preparação física e ao equilíbrio espiritual, devendo haver harmonia entre elas. Dessa forma, os gregos passaram a dar muita importância a essas duas áreas, e os jovens aprendiam a cantar e a recitar as obras de grandes autores, sendo que as obras de Homero e Sólon eram aprendidas na escola³⁴.

Esses autores comentam ainda que essa educação era acessível somente aos ricos, não sendo praticada pelos cidadãos de classe média, como camponeses, artesãos e comerciantes, iniciando-se na tenra infância e indo até a adolescência. Após essa formação inicial, o convívio na sociedade passava a ser a grande escola, principalmente, pela frequência à Ágora. Assim, pode-se inferir que a educação na Grécia Antiga, principalmente, em Atenas, era essencialmente básica e inicial, sendo depois completada através do convívio, tendo a poesia um papel importantíssimo na formação do ser humano³⁵.

É imperioso ressaltar que no século IV a.C. três gregos trouxeram inúmeras contribuições à educação: Sócrates, Platão e Aristóteles. Sócrates tinha um curso

³² LEÃO, Delfim Ferreira; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. **Cidadania e Paideia na Grécia Antiga**. Coimbra, Portugal: Coimbra University Press, 2010, p. 13.

³³ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p. 24.

³⁴ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p. 25.

³⁵ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p. 27;31.

que durava três a quatro anos, privilegiava a literatura, sendo considerado, dessa forma, o pai do Humanismo, seu ensino visa a formação política e procurava preparar seus alunos de modo a exercer importantes papéis na *polis*.

Platão, embora não tenha tido muito prestígio em sua época, fundou uma escola que se manteve ativa nos próximos oitocentos anos, sendo adotada no período helenístico, com ideias, como, por exemplo: educação de homens igual a de mulheres³⁶. Ele dividia o estudo em três fases:

A primeira, relativa à instrução inicial, segue a tradição dos três mestres: exercícios físicos, música e primeiras letras. Na segunda fase, a necessidade do estudo da geometria, da aritmética e da astronomia, disciplinas preparatórias para a terceira fase dedicada à dialética, o método adequado à filosofia. Trata-se, como se acaba de ver, de um currículo de pendor científico³⁷.

Já Aristóteles marcou fundamentalmente o pensamento ocidental. Fundou a escola Liceu, a qual ensinava os métodos da “observação, especialização, classificação e sistematização, e possivelmente experimentação esporádica – que ele próprio utilizou”³⁸. Possuía, segundo descrição de historiadores da época, biblioteca, coleções, laboratórios, configurando-se, portanto, em uma verdadeira escola de ensino superior. Nessa época, surgiu o conceito de *Paidéia*, como sendo um processo de educação, passado de geração a geração, em sua forma verdadeira, sendo o ensinamento do corpo e da mente, cuja tarefa é constituir o homem como “Homem”³⁹.

Faz-se mister mencionar aqui a influência da filosofia de Platão sobre o pensamento de Saulo, já que, em sua obra, utilizou termos platônicos, como espírito, alma e corpo, bem como partia de uma premissa que tinha por base o dualismo entre o mundo físico e espiritual. Além disso, vivia em constante conflito entre o material e o espiritual. “Segundo Paulo, o homem vive em uma luta constante entre o espírito e a carne. O espírito, contudo, deve prevalecer sobre os desejos do corpo, que devem ser suprimidos. O corpo deve ser sacrificado a Deus”⁴⁰. Aqui, tem-se um

³⁶ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p. 39.

³⁷ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p. 42.

³⁸ LEÃO; FERREIRA; FIALHO, p.43.

³⁹ JAEGER, Werner. **Paidéia**: A formação do homem grego. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

⁴⁰ COSTA, Lorena Munhoz; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Paulo de Tarso: A educação no Cristianismo Primitivo. In: **IV Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica da CESUMAR**, 2008. Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), 2008. Disponível em:

exemplo claro da influência da filosofia grega sobre a educação e pensamento de Saulo.

Schnelle⁴¹, sobre a influência do mundo helênico sobre Saulo, comenta:

Em 1Cor 15,33, ele cita um dito popular que remonta a Eurípides e que consta na comédia *Thais* de Menandro: 'As más companhias corrompem os bons costumes!'. A socialização helenístico-urbana do apóstolo manifesta-se em 1Cor 9,24-27, onde ele compara com grande naturalidade sua existência apostólica à luta na arena do ginásio grego.

Segundo Costa e Bordin⁴²:

Resquícios do movimento chamado helenismo, caracterizado pela propagação da cultura grega, bem como sua língua e educação, pelos territórios conquistados por Alexandre Magno, continuaram presentes por muitos séculos após o seu fim. O cristianismo foi visto como uma religião helênica, visto que surgiu no princípio do período imperial romano. Paulo que nasceu nesse contexto, possuía fortes traços dessa cultura em sua história e educação.

Outro ponto a ser comentado sobre a Grécia Antiga é que a educação tinha duas finalidades, afirma Lobato⁴³: "o desenvolvimento do cidadão fiel ao Estado e a formação do homem que adquiriu plena harmonia e domínio de si. Para eles, o habitante da *polis* é o que é porque vive na cidade e sem ela não é nada".

Após a conquista da Grécia e de suas colônias pelos romanos, houve uma mescla das duas culturas, com vários aspectos da educação, literatura e filosofia gregas sendo assimiladas pelos romanos, sendo que o senso prático dos romanos dominou a educação escolar por meio da elaboração de obras didáticas que sistematizavam a aprendizagem. Assim, no século I, época de Saulo, os habitantes das regiões greco-romanas viveram em um mundo onde a cultura era essencialmente helênica e, assim, frequentaram escolas criadas ou mantidas pelo governo imperial, como qualquer outro cidadão, mesmo que se distinguissem dos demais por suas crenças religiosas⁴⁴. Nesse ínterim, pode-se incluir Saulo.

Dessa forma, Saulo cresceu em uma sociedade altamente heterogênea, em que, apesar de ser hebreu, estava envolto à cultura greco-romana, o que pode ter

<www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/qua_mostra/Lorena_Munhoz_Costa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁴¹ SCHNELLE, 2010, p. 85.

⁴² COSTA; BORDIN, 2008.

⁴³ LOBATO, 2001.

⁴⁴ NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação Na Antiguidade Cristã**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

influenciado, de acordo com Rohden⁴⁵, no futuro, “a liberdade do Evangelho e a universalidade da redenção”.

2.2.2 A Educação de Saulo

Como comentado anteriormente, Tarso era um dos grandes centros culturais do Oriente Helênico, sendo que o ensino nessa cidade procurava se assemelhar ao de Atenas. “Todos os ramos das artes liberais figuravam em Tarso: poesia, retórica e filosofia, essa, sobretudo, com forte ascendente de tradição estoica local”. Assim, em Tarso, e de um modo geral no mundo greco-romano, o modelo educacional de gregos e romanos era parecido. Dessa forma, a educação romana pode ser considerada como uma adaptação da educação helenística, a qual prepara o ser humano para ser um cidadão do mundo, um cosmopolita⁴⁶.

No meio familiar e na sinagoga, Saulo, com certeza, deve ter recebido educação hebraica, aprendendo a língua hebraica e o aramaico, e, ao mesmo tempo, devia frequentar a escola grega:

Era certamente de uma família de letrados, da seita dos fariseus, sujeita a estritas observâncias religiosas, mas intelectualmente receptiva e aberta, mesmo às correntes da filosofia estoica, tendo promovido uma elite de escribas e exegetas da bíblia em oposição ao tradicionalismo da casta sacerdotal⁴⁷.

Já aos cinco anos de idade, aprendeu a lei mosaica, compreendendo os capítulos 5 e 6 do Deuteronômio, bem como os Salmos 113-118, os quais eram cantados nas mais importantes celebrações. Aos seis anos, frequentou o “jardim de infância da época e uma escola que ficava ao lado do templo sagrado, um pedagogo (escravo) acompanhava-o todos os dias a essa escola, carregando-lhe a pasta com os utensílios escolares”. A partir dos sete anos, estudou a história de Israel e a grandes revelações que Yahveh fez a seu povo. É importante ressaltar que Saulo tinha a plena certeza de pertencer a um grande povo, que já era grande antes de Roma e Grécia florescerem como nações⁴⁸.

⁴⁵ ROHDEN, 1999.

⁴⁶ RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões. **Paulo de Tarso: Grego e Romano: Judeu e Cristão**. Coimbra: FCT, 2012. p. 31.

⁴⁷ RAMOS *et al.*, 2012, p. 32.

⁴⁸ ROHDEN, 1999.

Entre dez e doze anos, foi iniciado na “lei oral”, na qual tinha que aprender, aos pés do rabi, uma série de “preceitos divinos” e “transgressões”, cada uma com suas respectivas penas⁴⁹. Rohden⁵⁰ comenta que:

Data, provavelmente, deste período o início do angustioso conflito moral na alma de Saulo, conflito que ecoa por todas as epístolas do grande lutador de Deus. Despertou nesse tempo a sua dolorosa inquietude espiritual. Surgem, sinistras esfinges, os profundos problemas metafísicos de pecado e redenção, que só muito mais tarde, após a memorável hora às portas de Damasco, encontrariam solução à luz do Evangelho.

Em seus primeiros anos, Saulo obteve uma formação sólida em Tarso, especialmente em filosofia e retórica, além de ser poliglota, pois, apesar de ser ainda assunto controverso, acredita-se que Saulo aprendeu “hebraico com a família, grego na escola e latim na rua”. Ramos *et al.*⁵¹ comentam ainda:

Seja como for, o Apóstolo reconhecerá mais tarde o valor do sistema educativo no qual foi formado, fazendo da *paideia* grega um modelo de educação cristã. Testemunhos da sua formação retórica e do seu talento oratório são, entre outros, o discurso em Éfeso e em Atenas, o discurso contra Cefas em Antioquia, os discursos de teor judiciário diante de Félix e Agripa e uma parte da carta aos Gálatas.

Além disso, aprendeu o ofício de fabricar tendas, como o pai, tornando-se um mestre nessa arte. As tendas produzidas em Tarso eram utilizadas em toda Ásia menor e Síria pelos nômades, exércitos e caravanas⁵².

Por volta dos quinze anos, ausentou-se da Cilícia por muitos anos, indo estudar em Jerusalém, já que seu pai o tinha destinado a “doutor da lei”, dessa forma, era necessário frequentar a “célebre escola do templo”⁵³.

Durante os seguintes seis anos ele se sentou aos pés de Ga-maliel, neto do mestre supremo Hillel que, alguns anos antes, falecera com mais de cem anos de idade. Sob o frágil e gentil Gamaliel, em contraste com os líderes da escola rival de Shamaí, Paulo aprendeu a dissecar um texto até revelar dezenas de possíveis significados. Gerações de rabis haviam obscurecido o sentido original mediante o acréscimo de camadas de tradição, todas com o fim de proteger o israelita da menor quebra da lei e, illogicamente, ajudá-lo a evitar as suas inconveniências. Paulo aprendeu a debater no estilo pergunta-e-resposta, conhecido no mundo antigo como “diatribe”. Aprendeu

⁴⁹ ROHDEN, 1999.

⁵⁰ ROHDEN, 1999, p. 27.

⁵¹ RAMOS *et al.*, 2012, p. 34-35.

⁵² POLLOCK, 1989, p. 9.

⁵³ ROHDEN, 1999, p. 29.

também a fazer uma exposição, pois o rabi, além de advogado de acusação ou de defesa dos que quebravam a lei sagrada, era também pregador⁵⁴.

É importante comentar que, segundo Rohden, o mentor de Saulo era um “espírito calmo, sereno, ponderado, caráter suave, prudente, conciliador.” E compara: “Pois quem conhece a índole de Saulo não deixará de nela descobrir qualidades diametralmente opostas às do grande rabi de Jerusalém”⁵⁵. Rohden ainda questiona em sua obra:

Quanto tempo passou Saulo em Jerusalém?

Ignoramos.

Ignoramos, outrossim, qual a influência que o ambiente da metrópole exerceu sobre seu espírito e sua vida. Entretanto, a julgar pelos acontecimentos subsequentes e pela orientação geral de seu caráter, é fora de dúvida que o fator ‘espírito’ foi sempre o eixo do seu mundo interior⁵⁶.

Após seus estudos, Saulo retorna a Tarso, isso em torno dos seus vinte anos. Já por volta dos trinta anos, retornou a Jerusalém, segundo Pollock⁵⁷. Sobre a vida íntima de Saulo, Rohden⁵⁸ fala em seu livro:

Entretanto, na vida de Saulo não encontramos mulher alguma, apesar de ter ele escrito uma das páginas mais dramáticas sobre a “lei da carne em conflito com a lei do espírito”. Basta ler o capítulo 7 da epístola aos romanos, para viver toda essa luta íntima do homem-matéria e do homem-espírito, a guerra entre o Saulo de Tarso e o Paulo de Damasco. “Eu sou carnal, vendido ao pecado. Não compreendo o meu modo de agir. Pois não faço aquilo que quero, o bem, mas sim, o que aborreço, o mal. Sei que em mim, isto é, em minha carne, não habita o que seja bom. Está em mim o querer o bem, mas não o executar. Segundo o homem interior, acho satisfação na lei de Deus; mas percebo nos meus membros outra lei, que se opõe à lei do seu espírito, e me traz cativo sob a lei do pecado, que reina nos meus membros. De maneira que segundo o espírito sirvo à lei de Deus – e, se segundo a carne, à lei do pecado”. E num brado cheio de tragicidade, exclama o israelita sensual de Tarso: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo mortífero!” E como um longínquo eco redentor, responde a voz do cristão espiritual de Damasco: “A graça de Deus, por Jesus Cristo, Nosso Senhor...”

Durante o período em que regressou para Tarso, nada consta sobre o que aconteceu com Saulo, sendo possível, provavelmente, que tenha ido a uma missão espiritual na Ásia-Menor, na qualidade de rabi, doutor da lei e membro do Sinédrio.

⁵⁴ POLLOCK, 1989, p. 10.

⁵⁵ ROHDEN, 1999, p. 31.

⁵⁶ ROHDEN, 1999, p. 30.

⁵⁷ POLLOCK, 1989, p. 11.

⁵⁸ ROHDEN, 1999, p. 31.

Sendo importante ressaltar que não há nenhum escrito para testemunhar que Saulo esteve em Jerusalém no período da vida pública de Jesus⁵⁹.

Nessa época, conversas relacionadas a ressurreição de Jesus já percorriam a província da Cilícia, e tais notícias, cada vez mais, aumentavam. Resolveu, então, Saulo, retornar à Jerusalém para se inteirar da realidade⁶⁰.

Diante do exposto, pode-se depreender que Saulo foi um cidadão romano, embora não haja consenso na literatura de como essa cidadania foi conseguida e nem sobre sua condição social. Era hebreu, israelita, entretanto, não foi criado em Jerusalém, sendo, portanto, da diáspora. Foi criado em Tarso, apesar de ser de família judaica convicta e praticante, dessa forma, viveu em um ambiente multicultural, estando envolto da cultura heleno-românica do Ocidente e semita-babilônica do Oriente, o que, provavelmente influenciou em suas futuras pregações. Quanto estava com idade em torno de quinze anos foi estudar em Jerusalém, na Escola do Templo, retornando a Tarso cerca de seis anos depois, já “Doutor da Lei”. Por volta dos trinta anos, retornou à Jerusalém, já tendo ouvido várias histórias sobre a ressurreição de Jesus, sendo quase certo, de acordo com a literatura, que Saulo nunca esteve pessoalmente com Jesus.

Assim, depois de finalizado esse esboço das origens de Saulo, no capítulo seguinte serão abordados, essencialmente, os fatores relacionados à conversão de Saulo, como ela se deu, bem como, alguns aspectos relacionados as suas viagens já como missionário do Cristianismo.

⁵⁹ ROHDEN, 1989, p. 33.

⁶⁰ ROHDEN, 1989, p. 33.

3 PAULO EM JERUSALÉM E SUA CONVERSÃO

Mesters⁶¹, em seu livro, divide a vida de Paulo em quatro períodos, de acordo com a idade e os acontecimentos vividos, o que, como relata o próprio autor, apesar de incerto, consegue deixar a sua vida, rica em muitos detalhes, mais próxima de quem sobre ela quer estudar, a saber: 1. Do nascimento aos 28 anos de idade: o judeu praticante, cujo alguns aspectos foram abordados no capítulo 1 desse trabalho; 2. Dos 28 aos 41 anos de idade: o convertido fervoroso; 3. Dos 41 aos 53 anos de idade: o missionário itinerante; 4. Dos 53 até a morte aos 62 anos de idade: o prisioneiro (quatro anos) e o organizador das comunidades (mais cinco anos). Essas três últimas etapas da vida de Paulo, pretende-se pontuar nesse capítulo.

3.1 Morte de Estevão e perseguição aos cristãos

Não é consenso na literatura se Saulo estava em Jerusalém no período do julgamento e morte de Jesus. Entretanto, sabe-se que ele tinha conhecimento do surgimento desse novo culto e da conversão de cerca de três mil fiéis após a crucificação de Jesus. Logo sua intolerância contra os seguidores do novo culto aumentou e Saulo tornou-se um fervoroso perseguidor dos que dele faziam parte⁶². Embora haja diversas compreensões sobre a sua atuação como perseguidor de cristãos, o que pode ser inferido dos reflexos da morte de Estevão, relatada no item a seguir, em sua vida.

Nessa época, vivia em Jerusalém um jovem israelita chamado Estevão, o qual desempenhou papel importante na história de Saulo. Estevão foi um árduo seguidor dos ensinamentos de Jesus, sendo considerado brilhante e de excelente retórica. Em certo dia, entrou, provavelmente contra vontade, em uma ardente discussão na sinagoga, na qual foi notadamente superior em seus fundamentos. Seus adversários, entretanto, não admitindo sua retórica superior, imputaram-no uma falsa acusação, baseada em falsas testemunhas, e Estevão, então, foi preso e levado ao conselho, onde, mais uma vez de forma iluminada, reafirmou as suas

⁶¹ MESTERS, 1991, p.13.

⁶² ALVARENGA, Luiz Gonzaga. **Paulo**: o último apóstolo. [s.n.], 2012. p. 12.

palavras anteriores. Isso o levou a ser condenado e a pena foi a morte por lapidação⁶³.

Rohden⁶⁴ romanceia:

Estevão, para provar esta verdade central, prefere o caminho histórico aos argumentos teológicos. Principia por mostrar, à luz de fatos notórios, que todos os vaticínios dos profetas se cumpriram na pessoa do Nazareno, o qual levou à perfeição a lei mosaica e fundou um reino espiritual, que subsistirá até à consumação dos séculos.

Não conseguiu terminar a sua exposição. Quando os judeus perceberam as palavras referentes ao caráter provisório do templo e da lei de Moisés, taparam os ouvidos, para não ouvirem tão horrendas “blasfêmias”, e se arrojaram sobre o orador. Arrastaram-no tumultuosamente para fora da sinagoga e dos muros da cidade, colocaram-no contra uma parede e, de pedras em punho, frementes de impaciência e indignação, esperavam a clássica ordem: “Testemunhas para a frente! Atirai a primeira pedra!” Conforme preceituava o Deuteronomio (17.7). Todos os olhares convergiam sobre Saulo de Tarso, único doutor da lei que se achava presente. Competia a ele dar a ordem fatal.

De acordo com Ramos *et al.*⁶⁵: “Uma coisa é certa – quando Estevão foi morto, Paulo estava presente e talvez tenha ouvido parte da história que o mártir evocava antes de ser lapidado”. Sobre a morte por lapidação em Jerusalém, Alvarenga⁶⁶ comenta:

Nesta época, as penas de morte, ou execuções legais realizadas pelos judeus eram: abrasamento, estrangulamento, lapidação, decapitação. As questões civis e penais eram julgadas pelo Sinédrio (Sanedrim ou Sinedrim), que podia ser o Grande Sinédrio (ou Sinédrio Maior), com 71 membros, ou o Pequeno Sinédrio (ou Sinédrio Menor), com 23 membros, tudo conforme a gravidade da questão. Tanto Estevão, em 35 ou 36 da era cristã, quanto Tiago, no ano 62, sofreram execução por lapidação. Os especialistas divergem na questão da autonomia do Sinédrio, quanto à aplicação de penas capitais. Alguns afirmam que o Sinédrio tinha capacidade para aplicá-las; outros, entretanto, afirmam que a pena deveria ser confirmada pelo procurador romano, e só depois realizar-se-ia a execução. Embora o texto bíblico seja vago neste ponto, o fato é que Estevão passou por um processo legal (jurídico), e a sua pena só foi executada de imediato devido ao fato de Pilatos não estar em Jerusalém, na época, porque tinha sido enviado a Roma por Vitélio (na época de Tiago, também o procurador Félix havia sido substituído, e o novo procurador, Pórcio Festo, ainda não chegara a Jerusalém). Para Estevão, acusado de blasfêmia, a pena era a morte por lapidação (apedrejamento), que era a mais dura. No caso de Cristo, o foro passou à esfera romana, cuja apenação era a crucificação.

⁶³ ALVARENGA, 2012, p. 13.

⁶⁴ ROHDEN, 1989, p. 35.

⁶⁵ RAMOS *et al.*, 2012, p. 144.

⁶⁶ ALVARENGA, 2017, p. 13.

Após esse ocorrido, provavelmente convencido que os cristãos estavam errados, Saulo passou a perseguir freneticamente todos aqueles que não firmassem sua crença judaica⁶⁷. Além disso, de acordo com Schreiner, “um homem crucificado dificilmente poderia ser o Messias (Dt 21.23)”⁶⁸. Ainda segundo esse autor⁶⁹:

Talvez para Paulo também fosse óbvio que Jesus não pudesse ser o Messias, uma vez que as promessas de Deus ainda não tinham se cumprido na história. Roma continuava a dominar, e a situação de Israel mudara muito pouco. A pequena seita de plebeus, para quem as promessas estavam sendo cumpridas por meio de um homem crucificado, dificilmente poderia estar certa; ainda assim, era preciso se opor a eles, já que alguns em Israel estavam tão desesperados que tinham se rendido ao novo movimento.

De acordo com Schnelle⁷⁰: “Em Jerusalém, Paulo vai de casa em casa e manda jogar na cadeia homens e mulheres (At 8.3); ele procura a emissão de sentenças de morte contra os cristãos (cf. At 22.4; 26.10) e os obriga a abjurar sua fé (cf. At 26.11)”. Segundo Lopes⁷¹:

Na Bíblia pode-se pontuar diversas passagens em que Saulo é descrito como implacável perseguidor da igreja de Cristo. Em primeiro lugar, ‘Paulo, uma fera selvagem’ (9:1; 22:20; 26:11). Paulo era um perseguidor implacável. Estava determinado a banir da terra o cristianismo. Não aceitava que um Nazareno, crucificado como um criminoso, pudesse ser o Messias prometido por Deus. Não aceitava que os cristãos anunciassem a ressurreição daquele que havia sido dependurado na cruz. Não acreditava que uma pessoa pregada na cruz, considerada maldita, pudesse ser o salvador do mundo.

Entretanto, a morte de Estevão deixou fortes impressões em Saulo, principalmente, quando na hora da morte, aquele proclamou uma visão do Cristo e orou por seus algozes.

“Não foi pelo modo como Estevão morreu (Atos 7:54-60), o jovem Saulo poderia ter deixado a cena do apedrejamento sem comoção alguma, ele que havia tomado conta das vestes dos apedrejadores. Teria parecido apenas outra execução legal. Mas quando Estevão se ajoelhou e as pedras martirizantes choveram sobre sua cabeça, ele deu testemunho da visão de Cristo na glória, e orou: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (Atos 7:60). Embora essa crise tenha lançado Paulo em sua carreira como caçador de

⁶⁷ ALVARENGA, 2017, p. 13.

⁶⁸ SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: O Apóstolo da glória de Deus em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 69.

⁶⁹ SCHREINER, 2015, p. 69.

⁷⁰ SCHNELLE, 2010, p. 95.

⁷¹ LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 189.

hereges, é natural supor que as palavras de Estevão tenham permanecido com ele de sorte que ele se tornou “caçado” também pela consciência⁷².

Rohden⁷³ narra que:

As testemunhas, os carrascos, tiram os seus mantos e depõem-nos aos pés de Saulo, e, a um aceno deste, sibilante saraivada de pedras desaba sobre o jovem levita. Ferido, cambaleante, cai de joelhos ... Crava no céu os olhos cheios de sangue e exclama jubiloso: “Vejo o céu aberto, e o Filho do Homem à direita de Deus!...” Depois, com um derradeiro olhar de Saulo, murmura: “Senhor ... não lhes imputes este pecado!” ... Um fulgor estranho ilumina por momentos o semblante do jovem herói – apagam-se aquelas pupilas, para sempre emudecem aqueles lábios tão eloquentes e cessa de pulsar o coração de fogo ... Saulo estava vingado. Eliminado o mais perigoso adversário. Mas terá ele gozado em cheio a sua vitória?... Terá ele conciliado o sono na noite próxima?... Não terá entreouvido o pranto com que os discípulos do Nazareno sepultavam o corpo contundido do impávido defensor da fé?...

Assim, após os eventos relacionados à morte de Estevão, Saulo decidiu levar a campanha de perseguição aos cristãos para outras localidades, já que o Sinédrio poderia alcançar as sinagogas de todo o império em questões relacionadas à religião. Dessa forma, Saulo foi para Damasco, cidade a cerca de 240 km de Jerusalém, com poderes para prender e levar à Jerusalém todos aqueles considerados hereges⁷⁴.

De acordo com Bruce⁷⁵, Damasco pode ser considerada “a cidade mais antiga do mundo, habitada sem interrupção. Ela é mencionada na história bíblica de Abraão (Gn 14.15; 15.2), que, de fato, é considerado por tradições posteriores (helenistas) como rei de Damasco”. Bruce⁷⁶ traz um breve histórico de Damasco:

No tempo dos patriarcas a cidade era um centro amorreu, mas caiu sob o poder dos arameus por volta de 1200 a.C. No período da monarquia hebraica era capital de um reino arameu que fazia guerras intermitentes com o reino de Israel, até que ambos foram atropelados e anexados pelos assírios, no fim do oitavo século a.C. Ficou sujeita sucessivamente ao Império Assírio, Babilônico, Persa e Greco-macedônio. Durante o terceiro século a.C. ela estava na fronteira entre os domínios ptolomeus e selêucidas e era reivindicada por ambos. Quando, em resultado da sua vitória em Paneion em 200 a.C., os selêucidas estenderam seu domínio para o sul até a fronteira do Egito, Damasco passou definitivamente para o seu poder.

No período em que o império selêucida estava se desintegrando rapidamente, Damasco foi conquistada pelo rei nabateu Aretas III (85 a.C.).

⁷² PACKER, J. I.; TENNEY, M. E.; WHITE JR, W. **O mundo do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 1994.

⁷³ ROHDEN, 1989, p. 35.

⁷⁴ PACKER; TENNEY; WHITE JR, 1994.

⁷⁵ BRUCE, 2003, p. 73.

⁷⁶ BRUCE, 2003, p. 73.

Os nabateus eram árabes; sua região de origem era o território entre o mar Morto e o golfo de Áqaba, tendo Petra como capital. O rei nabateu foi incorporado ao Império Romano como a província da Arábia em 106 d.C., mas no seu tempo áureo era uma potência com a qual era preciso contar, constituindo uma ameaça constante aos governantes asmoneus e herodianos da Palestina. Os nabateus não conservaram Damasco por muito tempo. Durante as guerras com Mitridates, ela lhes foi tirada por Tigranes I da Armênia (72/1 a.C.). Ele a perdeu em 66 a.C. para os romanos, sob cujo controle a cidade permaneceu dali em diante (exceto durante a breve ocupação da Síria pelos partos em 40-39 a.C.), como uma das cidades da Decápolis, sob a supervisão geral dos governantes da Síria. Foi em Damasco que Scauro, braço direito de Pompeu, saiu em 64 a.C. para intervir na briga entre os irmãos asmoneus Hircano II e Aristóbulo II, que ambos buscavam apoio romano – o que inevitavelmente levou à ocupação da Judéia por Pompeu no ano seguinte. Na época de Tibério, o território atribuído a Damasco se estendia para o oeste até encontrar o de Sidom.

Na época de Paulo, Damasco era essencialmente uma cidade com características helenísticas, sendo a principal divindade da cidade a figura de Dionísio e a língua mais comum provavelmente foi o grego. Entretanto, devido à presença de uma numerosa colônia judaica, o aramaico também deve ter sido uma língua presente em Damasco, havendo, portanto, diversas sinagogas⁷⁷.

3.2 Conversão em Damasco

O episódio ocorrido com Saulo durante a viagem à Damasco foi de grande relevância para sua vida, bem como, para o Cristianismo, já que, a partir daquele momento, surgiu o maior propagador da nova religião. Mesters⁷⁸ narra:

Paulo estava com 28 anos de idade. Tinha poder e prestígio. Em nome do Sinédrio, liderava a perseguição contra os cristãos. Pediu licença para persegui-los até em Damasco da Síria (At 9,1-2; 26, 9-12). Sete dias de viagem! Enquanto caminhava para lá, de repente uma luz aparece. Paulo cai e ouve uma voz: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4). Paulo estava perseguindo a comunidade dos cristãos. Mas Jesus pergunta: “Por que *me* persegues? Jesus se identifica com a comunidade! Colocando-se ao lado do perseguido, desaprova o perseguidor!”

Sobre esse episódio, Rohden⁷⁹ narra:

O orgulho farisaico do doutor da lei levantara uma barreira imensa à graça divina. Eis senão quando esse mesmo Jesus morto lhe aparece vivo! O Crucificado! Glorioso!... o Nazareno, a continuar sua obra na pessoa de seus discípulos!...

“Por que me persegue?”

⁷⁷ BRUCE, 2003, p. 73-74.

⁷⁸ MESTERS, 1991, p. 24.

⁷⁹ ROHDEN, 1989, p. 42.

“Quem és tu, Senhor?”

“Eu sou Jesus!... Não recalçitres! Rende-te, Saulo!... Tem fé em mim, sê fiel a mim! Porque sou vivo – redivivo! E estarei com os meus até a consumação dos séculos...”

Diante desses fulgores divinos desmaiam todas as luzes humanas... Abertos os olhos do espírito, fechou Saulo os olhos corpóreos ... Estava cego ... Era um vidente...

A partir desse momento, nesse trabalho, como comentado anteriormente, Saulo será designado como Paulo.

De acordo com Bruce⁸⁰, nem outro evento, a não ser os eventos relacionados ao próprio Cristo, foi tão determinante para a história do Cristianismo como a conversão de Paulo na estrada próxima a Damasco. Wiese⁸¹ complementa:

Depois de Jesus de Nazaré, Paulo é o personagem bíblico no Novo Testamento mais conhecido e influente na história da teologia cristã. Pessoas se tornaram reféns de suas palavras e deixaram marcas inextinguíveis a ponto de influenciarem inclusive o rumo da história social, principalmente no Ocidente.

O fato é que, após o encontro com Cristo ressurreto, Paulo “obedeceu prontamente à ordem de levantar-se e ir para Damasco, e esperar futuras instruções. Dali em diante, Paulo obedeceria para sempre ao Cristo que lhe aparecera – mais do que isso, dedicaria toda a sua vida para Cristo, viveria em Cristo”⁸².

Em Damasco, Paulo foi levado para a casa de um homem denominado Judas, e lá foi visitado por Ananias, que era um dos discípulos de Jesus naquela localidade, sendo saudado e tratado, por aqueles que antes eram seus perseguidos, como irmãos⁸³.

⁸⁰ BRUCE, 2003, p. 72.

⁸¹ WIESE, Werner. Elementos da nova perspectiva sobre Paulo a partir de representantes clássicos. **Elementos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p.142-156, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318288690_Elementos_da_Nova_Perspectiva_sobre_Paulo_a_partir_de_representantes_classicos>. Acesso em: 12 jan. 2018.

⁸² SANTOS, Fábio Vaz dos. Paulo, um homem em Cristo. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi3qq6auMHZAhXSjVkkHXoaDdEQFghEMAU&url=http%3A%2F%2Fead.batistapioneira.edu.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fensaios%2Farticle%2Fview%2F151&usq=AOvVaw3r1VJEOxabeVlh8uJol-Y9>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

⁸³ BRUCE, 2003, p. 72.

Sobre o assunto mencionado no parágrafo acima, Spurgeon⁸⁴ ainda comenta:

Mas agora o homem que foi amaldiçoado com essa linguagem, seria abençoado pelo mesmo que havia perseguido; e ainda que suas mãos estavam manchadas com sangue, e agora levava a permissão em suas mãos para encerrar os outros na prisão, e ainda que havia cuidado das roupas daqueles que apedrejaram Estevão, apesar de tudo isso, o Senhor, o Rei do céu, dignou-se de falar pessoalmente dos mais altos céus para levá-lo a sentir a necessidade de um Salvador, e para fazê-lo participante da fé preciosa.

Paulo agora se tornara um servo de Cristo, após ser curado da cegueira pelas mãos de Ananias, foi para Arábia. É importante ressaltar que agora Paulo considerava que a lei de Moisés era passageira, temporária e que “Cristo é a única semente de Abraão e a entrada na família de Abraão se dá por meio de Cristo, unicamente (Gl 3.16)”⁸⁵.

Sobre a Arábia, Bruce⁸⁶ comenta “por ‘Arábia’ nesse texto naturalmente entendemos o reino nabateu, que facilmente é acessível de Damasco. Nessa época, ele era governado por Aretas IV (9 a.C.-40 d.C.)”. Sobre a ida de Paulo a Arábia, Bruce⁸⁷ relata:

O próprio Paulo diz que, depois de receber a revelação, “não consultei carne nem sangue”, mas “parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco” (Gl 1,16), por isso talvez sua pregação nas sinagogas de Damasco deva ser colocada, depois que ele retornou de sua viagem à Arábia.

Paulo ficou cerca de três anos na Arábia, em profunda reflexão, em um retiro espiritual. Sobre esse período, Rohden⁸⁸ comenta:

Nessa profunda solidão lançou Paulo as bases para uma nova filosofia cristã, que culmina nesse paradoxo, que tão somente à luz do Evangelho é verdade e vida: “Tudo que se afigura lucro passei a considerá-lo como perda, por amor a Cristo; sim considero como perda todas as coisas, em face do inexcedível conhecimento de meu Senhor Jesus Cristo; por amor dele é que renunciei a tudo isto e o tenho em conta de lixo, a fim de possuir o Cristo e viver nele” (Fp 3,7). Já nesse tempo, é certo, elaborou Paulo a sua “concepção de Cristo”.

⁸⁴ SPURGEON, C. H. **A conversão de Saulo de Tarso**. Projeto Spurgeon. Disponível em: <www.projetospurgeon.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2018.

⁸⁵ SANTOS, 2016, p. 61.

⁸⁶ BRUCE, 2003, p. 77.

⁸⁷ BRUCE, 2003, p. 76.

⁸⁸ ROHDEN, 1989, p. 53-54.

Após esse período de solidão e reflexão na Arábia, Paulo retorna a Damasco. Sobre isso, Bruce⁸⁹ comenta:

Por que Paulo se retirou para a Arábia? Uma resposta comum é que ele foi para o deserto, para refletir sobre sua nova situação, talvez para ter comunhão com Deus nas proximidades de “Horebe, o monte de Deus”, onde Moisés e Elias tinham estado com ele tempos atrás. Isso pode realmente ter sido parte de seu propósito, mas provavelmente seus três dias de cegueira em Damasco tenham sido suficientes para reorientar sua mente.

Em Damasco, é quase certo que Paulo se hospedou na casa de Judas, como há três anos antes. E, no sábado seguinte ao seu retorno, foi a uma sinagoga local e começou a falar sobre como Jesus de Nazaré havia cumprido algumas passagens de Isaías, o que gerou um enorme tumulto. Os chefes da sinagoga, reconhecendo a pessoa de Paulo, logo mandaram prendê-lo, mas ele conseguiu fugir e se esconder na casa de um amigo. À noite, quando os guardas de Damasco estavam na entrada da cidade, Paulo conseguiu fugir, descendo da muralha dentro de um cesto, preso a cordas⁹⁰. Sobre esse episódio, Bruce comenta:

Numa recordação posterior, ele lembra uma experiência humilhante dos seus primeiros dias como cristão: ‘Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livreí das suas mãos (2Co 11,32)’⁹¹.

Assim, Paulo retorna à Jerusalém, procurando juntar-se aos discípulos. Entretanto, esses, com exceção de Simão Pedro, não criam na conversão de Paulo, ou seja, que ele fosse realmente um discípulo. Nesse ambiente de incompreensão, Barnabé e Paulo firmam uma verdadeira amizade, aquele apresentou para Paulo os apóstolos Simão Pedro, Tiago e João Evangelista⁹². Rohden⁹³, sobre esse período em que Paulo ficou em Jerusalém, comenta:

Esses quinze dias que Paulo passou em Jerusalém, em convivência com os que “eram considerados como colunas” (Gl 2,9), devem ter sido para ele de grande valor. Embora conhecesse por meio de revelação direta os fatos e as principais doutrinas de Jesus Cristo, tinha, contudo, necessidade de ouvir dos lábios de testemunhas presenciais, numerosos pormenores da vida do Crucificado. E, antes de tudo, convinha combinar com os demais arautos do Evangelho um plano uniforme para a conquista espiritual do mundo. Já

⁸⁹ BRUCE, 2003, p. 76.

⁹⁰ ROHDEN, 1989, p. 55-56.

⁹¹ BRUCE, 2003, p. 77.

⁹² ROHDEN, 1989, p. 57-58.

⁹³ ROHDEN, 1989, p. 58.

nesse tempo, é certo, foram lançadas as bases para uma espécie de ritual, destinado a cingir como num precioso engaste os mistérios religiosos do Cristianismo.

Nos próximos três a quatro anos, Paulo os passou em Tarso, com a idade em torno de 39 a 42 ou 43 anos. Após isso, seu amigo Barnabé, o convida para uma excursão missionária pela Ásia, para divulgar o Evangelho⁹⁴.

3.3 O missionário itinerante

Esse período de viagens durou em torno de doze ou treze anos e se constituiu de três grandes viagens missionárias⁹⁵. É interessante refletir sobre essa etapa da vida de Paulo, imaginar quantos obstáculos e dificuldades encontrou, principalmente, quando se compara com as viagens realizadas atualmente, como eram organizadas e como esses peregrinos faziam para custear essas viagens, pois, segundo Mesters⁹⁶, a maioria dos trechos eram feitos a pé, demandando muito tempo entre os deslocamentos.

O próprio Paulo relata sobre isso: “Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigo por parte dos ladrões, perigos na cidade, perigo no deserto, perigos no mar. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar.” Alguns aspectos sobre as viagens, Mesters comenta, em relação aos amigos:

Paulo nunca viajava só, mas sempre acompanhado por um amigo ou grupos de amigos. Na primeira viagem, foi com Barnabé e João Marcos (At 13, 3.5). Na segunda viagem, depois da briga com Barnabé, viajou com Silas (At 15, 36-40) e, mais tarde, com Timóteo e Lucas. No fim da segunda viagem, vários outros entraram na equipe, inclusive o casal Priscila e Áquila (At 18,18). Na terceira viagem, os companheiros foram muitos (At 19,22; 20, 4.5; 21,16).

Outro aspecto importante levantado por Mesters foi como eram feitas as comunicações entre as viagens, pois, apesar de Paulo falar muitas línguas, havia diversidade de línguas e dialetos entre os diversos povos⁹⁷.

Paulo falava e escrevia corretamente o grego (At 21,37), a língua comum das cidades e do comércio. Falava também o hebraico (At 21, 40; 26, 14), a língua na qual foi escrita a maior parte do Antigo Testamento, e que ainda se usava nas sinagogas. Falava o aramaico do povo da Palestina, a língua

⁹⁴ ROHDEN, 1989, p. 63.

⁹⁵ MESTERS, 1991, p. 37.

⁹⁶ MESTERS, 1991, p. 37.

⁹⁷ MESTERS, 1991, p. 39.

materna de Jesus, pois viveu lá muitos anos. Não sabemos se ele falava o latim de Roma.

Sobre a saúde de Paulo, Mesters fala que ele deve ter tido muito boa saúde para conseguir ficar um longo período de tempo viajando⁹⁸.

Hoje, quem viaja muito deve ter boa saúde. Do contrário, não aguenta as canseiras, as noites mal dormidas, a comida diferente. Paulo deve ter tido uma saúde de ferro para poder levar a vida que levou: viajar a pé pelo mundo, durante mais de treze anos; subindo e descendo serras, no frio e no calor; frio de cair neve e calor de chegar a quarenta graus; suportando, além disso, perseguições e pedradas; sem contar o trabalho como operário, de manhã até a noite, para poder ganhar um salário minguaado e não morrer de fome. “Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. E isto, sem contar o resto: a minha preocupação constante com as comunidades” (2Co, 11,27-28).

Outro ponto levantado por Mesters⁹⁹, e já descrito na citação direta acima, é a questão do sustento das caravanas durante as viagens, levando em consideração que eram viagens muito longas, as quais demandavam, apesar das extremas restrições, gastos.

O problema maior durante as viagens era o sustento. Uma viagem não era como hoje. Hoje, você entra no ônibus, passa a noite dormindo numa cadeira e amanhece a 600km de distância. Naquele tempo, percorrer uma distância de 600km levava no mínimo vinte dias, a uma média de 30km por dia. Hoje, quem esquece de levar lanche, aguenta passar a noite no ônibus de Belo Horizonte a São Paulo. Mas como levar lanche para vinte dias? Impossível! E onde arrumar dinheiro para comprar comida para quatro ou cinco pessoas durante três semanas? Como é que elas faziam?

Interrompiam a viagem, paravam e trabalhavam para conseguir o dinheiro suficiente. Assim, uma viagem de 600km podia durar dois meses ou mais. Quando Paulo chegava a um lugar, uma das primeiras providências a tomar era procurar uma oficina onde pudesse conseguir um biscate durante alguns dias e ganhar uns trocados. O lema de Paulo era: “Quem não quiser trabalhar, também não deve comer!” (2Ts 3,10). “Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo” (At 20, 33-34).

Além disso, um ponto extremamente importante a ser comentado é que, durante as viagens, Paulo mantinha contato com as comunidades por meio de mensageiros e, a partir da segunda viagem missionária, também através de cartas¹⁰⁰.

⁹⁸ MESTERS, 1991, p. 40.

⁹⁹ MESTERS, 1989, p. 41.

¹⁰⁰ MESTERS, 1991, p. 42.

Em relação às viagens de Paulo, o livro de Atos relata a vida missionária do Apóstolo Paulo. Como comentado anteriormente, Paulo realizou três grandes viagens missionárias antes de ir à Roma, sendo importante mencionar que essas viagens foram longas e duraram vários anos. A seguir comentam-se brevemente essas três viagens.

Na primeira viagem, que durou três anos, Paulo e Barnabé viajaram pela Ásia Menor, o que resultou em muitas conversões, bem como rejeições, entretanto, eles sempre acabavam sendo expulsões, onde quer que estivessem. Nessa viagem, os missionários saíram de Antióquia da Síria, sendo acompanhados pelo primo de Barnabé, João Marcos, iniciando sua missão em uma cidade denominada Salamina, em Chipre, hoje território da Turquia, indo até Pafos, numa extensão total de 150 km¹⁰¹.

De forma resumida, após Pafos foram para Perge, onde João Marcos decidiu deixá-los e retornar à Jerusalém. Depois viajaram para Antióquia de Psídia, depois para Icônio, Listra, Derbe. Após Derbe, os apóstolos voltaram a algumas cidades anteriores, para restabelecer a fé dos convertidos e fundar igrejas, voltando, então, finalmente para Antióquia na Síria¹⁰². É importante comentar sobre Antióquia, de acordo com Schnelle¹⁰³:

Antioquia-nos-Orontes, na Síria, era a terceira maior cidade do Império Romano e tinha pelo fim do século I d.C., uma população total entre 300.000 e 600.000 pessoas. Josefo pressupõe em Antióquia uma comunidade judaica muito grande, que deve ter contado com 20.000-30.000 pessoas. Antióquia oferecia as melhores condições para a missão cristã-primitiva, porque havia muitos gregos que simpatizavam com a religião judaica. De Antióquia vinha o prosélito Nicolau que pertencia ao círculo de Estevão (At 6,5), e, segundo At 11,19, a comunidade cristã foi fundada por cristão que precisavam deixar Jerusalém no contexto da perseguição de Estevão. Segundo At 11,20, em Antióquia, judeu-cristãos helenistas de Chipre e de Cirene passaram a anunciar o Evangelho com êxito também entre a população grega. Dessa maneira, Antióquia é o lugar onde se inaugurou a época decisiva do cristianismo primitivo: o anúncio programático do Evangelho também aos gentios. Segundo a abordagem de Atos, Barnabé e Paulo não pertenceram de início à comunidade antioquena, mas integraram-se em seu trabalho apenas depois do início da missão entre os gentios (At 11, 22-25).

¹⁰¹ ALVARENGA, 2012, p. 17.

¹⁰² Disponível em: <<https://terrasantaviagens.com.br/imprensa/artigos/as-viagens-missionarias-do-apostolo-paulo/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

¹⁰³ SCHNELLE, 2010, p. 132-133.

Alvarenga¹⁰⁴ comenta um episódio ocorrido em Pafos:

Pafos foi o local onde ocorreu o incidente com o procônsul Sérgio Paulo. Havia um mago na cidade, por nome Bar-Jesus, ou Élimas, que se opunha à pregação de Paulo e Barnabé. Quando o procônsul chamou os apóstolos, fez tudo para desacreditá-los. Foi então que Paulo, olhando-o nos olhos, falou: 'Ó homem cheio de todo engano e de toda maldade, inimigo de toda justiça! Não cessarás de torcer os retos caminhos do Senhor? Agora mesmo a mão do Senhor cairá sobre ti, e ficarás cego, sem veres a luz do sol por certo tempo". Na mesma hora, o mago ficou cego, sem nada poder ver, e o procônsul ficou verdadeiramente maravilhado com esse prodígio.

Em relação à segunda viagem, Paulo convida novamente Barnabé para dar continuidade à missão, entretanto, Barnabé quer levar João Marcos e Paulo temia que o primo de Barnabé os abandonasse, como fizera da primeira vez. Assim, Barnabé decide viajar com João, e Paulo seguiu em sua segunda viagem missionária com Silas para Síria e Cilícia¹⁰⁵.

Resumidamente, nessa viagem, Paulo passou por Listra, visitando as igrejas que foram fundadas na missão anterior, lá conheceu Timóteo. Foram para Frígia e Galácia, Paulo, então, tentou seguir para outras localidades, entretanto, o Espírito Santo os impediu. Passaram também por Tróade, onde teve uma visão convocando-o para ir à Macedônia. Embarcaram, então, em Tróade para Samotrácia e, após, para Neápolis. Após isso, passaram por Anfípolis e Apolônia, até Tessalônica, onde se hospedaram na casa de um homem chamado Jasão. Depois disso, Paulo seguiu sozinho para Atenas, chamando, posteriormente, Silas e Timóteo. Após isso, partiu para Corinto, onde conheceu Áquila e Priscila¹⁰⁶. Sobre alguns acontecimentos, Alvarenga fala:

Em Listra Paulo encontrou um discípulo chamado Timóteo, que era filho de uma mulher judia crente e de pai grego. Motivado pela reação dos judeus na região, extremamente tradicionalista, Paulo ignorou o decreto que conduzia e procedeu a circuncisão de Timóteo, o que ia contra as suas próprias convicções. Em outras cidades, contudo, não se furtou a comunicar o decreto, nem fez novas circuncisões¹⁰⁷.

Em Neápolis, Paulo e Silas foram presos. Sobre esse episódio, Alvarenga¹⁰⁸ narra:

¹⁰⁴ ALVARENGA, 2012, p. 18.

¹⁰⁵ ALVARENGA, 2012, p. 21.

¹⁰⁶ ALVARENGA, 2012, p. 21-24.

¹⁰⁷ ALVARENGA, 2012, p. 21.

¹⁰⁸ ALVARENGA, 2012, p. 22.

Nesta cidade, ficaram na casa de uma mulher que se convertera e fora batizada, Lídia. Ocorre que lá ficando, quando saíam para a oração eram seguidos por uma mulher que, em virtude de suas adivinhações, proporcionava grandes ganhos a seus amos. Esta mulher costumava seguir os apóstolos, e então, em altos brados proclamava que eles eram os servos do Senhor altíssimo que tinham vindo anunciar o caminho da salvação. Voltando-se para a mulher exortou em nome de Jesus Cristo para que o espírito pitônico (mulheres pitonisas eram aquelas capazes de prever o futuro) a deixasse, o que de fato ocorreu. Os amos da mulher, sentindo que eles perdiam os seus ganhos, denunciaram os apóstolos aos magistrados. Estes ordenaram que fossem açoitados e presos em seguida.

À noite, na prisão, estando em oração Paulo e Silas, ocorreu repentinamente um forte terremoto, o qual abalou toda a estrutura do prédio e rachou as paredes. Achando que seus prisioneiros tinham aproveitado para fugir, o carcereiro pretendia matar-se, por temer as reações das autoridades. Percebendo seu intento, Paulo, em meio à poeira e escombros, gritou para alertar que eles ainda estavam lá. Trêmulo e comovido, o carcereiro aproximou-se e perguntou o que deveria fazer para ser salvo: Paulo apaziguou-o e batizou-o, bem como a todos de sua família, que este lhes trouxe. No dia seguinte, os lictores chegaram para libertá-los, sob ordens dos pretores. Paulo, entretanto, alegando sua prerrogativa de cidadão romano, pretendia que os próprios pretores os libertassem. Estes tomaram conhecimento que eles eram cidadãos romanos, temeram, vieram e os libertaram, instando a que saíssem da cidade. Paulo e Silas, após voltarem para a casa de Lídia, deixaram a cidade.

Outro acontecimento nessa viagem que merece atenção foi quando Paulo conheceu Áquila e Priscila em Corinto. Sobre isso, Alvarenga¹⁰⁹ comenta:

De Atenas, Paulo foi para Corinto, região da Acaia. Lá encontrou um judeu de nome Áquila, que viera do Ponto com Priscila, sua mulher, expulsos, como todos os judeus, de Roma por um decreto de Cláudio. Também Áquila era um fabricante de tendas, e Paulo ficou em sua casa, onde trabalhavam juntos. Aos sábados, dirigia-se à sinagoga, onde pregava a judeus e gregos. Silas e Timóteo vieram da Macedônia e auxiliaram neste trabalho de conversão, mas a reação dos judeus logo recrudescer. Além de reagirem violentamente, blasfemavam contra os apóstolos. Foi nessa ocasião que Paulo novamente increpou os judeus, devido à sua dureza de coração: “Caia o vosso sangue sobre as vossas cabeças; limpo sou dele. Desde agora dirigir-me-ei aos gentios”. E foi para a casa de Tício Justo, um prosélito que morava ao lado da sinagoga. Contrariados, os judeus tentaram simular um ato de sedição por parte de Paulo, para que Galião, o procônsul da Acácia, o mandasse prender. Esse, entretanto, não se deixou iludir e nada fez para Paulo.

Na terceira viagem, Paulo passa por Galácia e Frígia e segue para Éfeso, sendo expulso de lá, seguiu para a Macedônia, indo até Corinto na Grécia, onde foi ameaçado de morte, dessa forma, volta à Macedônia até Trôade, após isso, foi para

¹⁰⁹ ALVARENGA, 2012, p. 24-25.

Mileto, seguindo, posteriormente, de navio até Tiro, na Síria, continuando até Ptolemaida e Cesaréia, subindo até Jerusalém, onde é preso na praça do templo¹¹⁰.

A figura 2 abaixo mostra o mapa com as rotas das três viagens missionárias de Paulo.



Figura 2: Rotas das viagens missionárias de Paulo

Fonte: Terra Santa Viagens/¹¹¹

Após descrever, mesmo que de forma resumida, as várias viagens de Paulo, é notório seu caráter cosmopolita e destemido, sendo sua campanha em divulgar o Evangelho um exemplo da visão desbravadora do novo apóstolo. Sobre as viagens missionárias de Paulo, Mesters¹¹² resume:

Na primeira viagem, Paulo fica perto de casa. Não sai da Ásia. Só anda pelas regiões que ele conhece: Cilícia, Panfília, Pisídia. É a terra onde nasceu. Na segunda viagem, ele vai para além das fronteiras da Ásia, entra na Europa, mas não tem muita certeza do rumo a ser tomado. Ele quer ir numa direção, mas o Espírito Santo manda ir em outra (At 16,6-7). O rumo depende dos avisos recebidos em sonho (At 16,20; 18,9). Na terceira viagem, o objetivo já está definido desde o começo: ele quer ir para Éfeso, conforme a promessa feita ao povo de lá (At 18,21); e lá ele fica, durante três anos (At 20,31).

Além disso, esse autor também comenta sobre o método de evangelização empregado por Paulo.

Na primeira viagem, Paulo não fica muito tempo no mesmo lugar, mas vai seguindo, de cidade em cidade. No início, o método é este: chegar a um lugar, anunciar o Evangelho, criar comunidade, e seguir em frente. Na segunda viagem, ele continua andando de cidade em cidade, anunciando o

¹¹⁰ MESTERS, 1991, p. 48.

¹¹¹ Disponível em: <<https://terrasantaviagens.com.br/imprensa/artigos/as-viagens-missionarias-do-apostolo-paulo/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

¹¹² MESTERS, 1991, p. 49.

Evangelho, criando comunidades, mas, ao mesmo tempo, já fica mais tempo num mesmo lugar: “um ano e seis meses” em Corinto (At 18,11). Na terceira viagem, é o contrário da primeira. Ele vai direto para Éfeso (At 19,1.8-10) e lá se fixa por três anos (At 21,31); em seguida, mais três meses em Corinto (At 20,3). Assim, no fim, o método já é outro: irradiar o Evangelho a partir de um lugar central (At 19,10.26), enquanto as viagens servem para visitar e confirmar as comunidades já existentes (At 18,23; 20,2)¹¹³.

3.4 Prisão e morte de Paulo

Após a terceira viagem, Paulo vai a Jerusalém, entretanto, conforme afirma Bruce¹¹⁴ “antes de partir, Paulo previu que sua visita a Jerusalém seria cheia de tribulações”. Lá ele visitou o templo, onde foi preso na praça.

O pátio exterior do templo, murado por Herodes, o Grande, era chamado de pátio dos gentios, porque eles tinham a liberdade de entrar nele. Essa era a área que Jesus “limpou” na semana santa, em protesto contra seu desvirtuamento, que diminuía seu uso como “casa de oração para todos os povos” (Mc 11.15-17). Os gentios, porém, estavam proibidos, sob pena de morte, de ir além da barreira que separava o pátio exterior do interior, a área sagrada em si. Havia inscrições em grego e latim nessa barreira com certos intervalos, avisando os visitantes gentios a não ir além. Esse era o único tipo de transgressão em que os romanos permitiram às autoridades judaicas manter o direito de impor a pena de morte; eles podiam executá-la, mesmo que o transgressor fosse cidadão romano, tal era o cuidado de conciliar as suscetibilidades religiosas dos judeus. Se tivesse havido alguma base para a acusação contra Paulo, sua cidadania romana não o teria salvo das consequências¹¹⁵.

Alguns judeus da Ásia ali presentes reconheceram Paulo e houve um tumulto, com Paulo sendo levado para fora do pátio de Israel para o pátio exterior, onde foi espancado. A polícia, então, interveio e o levou para o tribuno militar, de nome Cláudio Lísias, que ordenou a prisão de Paulo¹¹⁶.

Quando foi preso na praça do templo, Paulo contava com uma idade em torno dos 52 anos, ficando na prisão por quatro anos: dois em Cesaréia na Palestina (At 24,27), e dois em Roma, na Itália (At 28, 30). Após isso foi solto, ficando em torno de cinco a seis anos livres, quando foi preso novamente e morto¹¹⁷.

Sobre essa última prisão de Paulo, Schnelle¹¹⁸ relata:

¹¹³ MESTERS, 1991, p. 49.

¹¹⁴ BRUCE, 2003, p. 334.

¹¹⁵ BRUCE, 2003, p. 339.

¹¹⁶ BRUCE, 2003, p. 339.

¹¹⁷ MESTERS, 1991, p. 136.

¹¹⁸ SCHNELLE, 2014, p. 491.

Depois disso, segue-se a tradição pessoal mencionada de 2Tm 4,10-17, que se encontra com At 28 num ponto decisivo: Paulo foi abandonado por seus colaboradores, unicamente Lucas está com ele! Embora as correntes de tradições dos Atos dos Apóstolos e da Segunda Carta a Timóteo argumentem em seus detalhes de modo muito distinto, elas concordam no detalhe de que Paulo não recebeu nenhum apoio da parte de seus colaboradores e provavelmente nenhum da comunidade romana. Abandonado, Paulo morreu provavelmente como mártir no contexto de uma perseguição dos cristãos no tempo de Nero, entre 62 e 64 d.C.

Sobre a morte de Paulo, Rohden¹¹⁹ romanceia:

Face a face encontram-se dois homens: Paulo e Nero, o melhor e o pior homem do século. A virtude em algemas – e o vício sobre o trono... Ouve Paulo a sentença final com serenidade, mas não com indiferença artificial e fictícia de certos falsos estoicos.

Assim morrem os heróis... Cidadão romano, só lhe convinha morrer a fio de espada. Apóstolo de Cristo, só lhe convinha morrer mártir. Diz a tradição que Paulo, ao receber o golpe fatal, tinha o rosto voltado para o oriente e recitava, em língua hebraica, a última oração da sua vida – confundindo-se assim a prece vespertina de sua velhice com a prece matutina de sua juventude. Entre essas duas orações – a de Tarso e a de Roma – só existe uma saudade imensa, que se chama Cristo... De Tarso até Damasco, a saudade do “Deus desconhecido”: de Damasco até Roma a saudade do Cristo, o Crucificado, o Ressuscitado ...”

É importante ressaltar aqui que, durante suas viagens, Paulo escreveu muitas cartas, entretanto, nem todas foram conservadas. Mesters¹²⁰ comenta que:

Na carta aos Coríntios, ele menciona duas outras cartas para a mesma comunidade, que nós não conhecemos (1Cor 5,9; 2Cor 2,3-4.9; 7,8.12). Na carta aos Colossenses, ele fala de uma carta escrita para a comunidade de Laodicéia, que não foi conservada (Cl 4,16).

Após a breve exposição de uma parte da vida de Paulo neste capítulo, infere-se sobre o forte impacto da morte de Estevão sobre Paulo e, conseqüentemente, sobre a história do Cristianismo. Após o episódio de Estevão, Paulo seguiu para Damasco com intuito de empreender uma missão de perseguição aos cristãos, entretanto, no caminho, Paulo tem uma visão do Cristo, o que mudou os rumos da sua vida e da nova religião que surgia, Paulo, então, passa de perseguidor a um dos mais fervorosos pregadores da palavra de Jesus.

Já em Damasco, Paulo é acolhido por seguidores de Cristo na localidade, após isso, faz um retiro espiritual de três anos na Arábia, retornando à Damasco, onde começa suas pregações, exaltando, por exemplo, como Jesus de Nazaré

¹¹⁹ ROHDEN, 1989, p. 274-275.

¹²⁰ MESTERS, 1991, p. 42.

cumpria às Escrituras. Depois de sair de Damasco, fugido, Paulo vai para Jerusalém, onde conhece Barnabé, e retorna para Tarso. Após três ou quatro anos em Tarso, Paulo inicia suas três grandes viagens missionárias para divulgar o Evangelho, o que durou em torno de doze ou treze anos. Durante essas viagens, as quais nunca viajou sozinho, Paulo foi açoitado, humilhado, preso, entretanto, também logrou muito êxito, já que fincou, em diversas localidades, as raízes do Cristianismo. Após sua terceira viagem missionária, Paulo vai a Jerusalém, onde é preso e espancado na praça do templo, permanecendo preso por quatro anos. Após isso, foi solto, ficando seis a sete anos livre, quando é preso e morto, com idade em torno dos 62 anos, sob o domínio romano de Nero.

Após apresentar, nos capítulos I e II desta pesquisa, alguns aspectos da vida de Paulo, no capítulo III, pretendeu-se esboçar alguns comentários sobre as cartas de Paulo, com ênfase nas cartas aos Coríntios e aos Romanos.

4 TEOLOGIA DE PAULO: AS CARTAS DE PAULO, COM ÊNFASE NA CARTAS AOS CORÍNTIOS E CARTA AOS ROMANOS

Falar de Paulo nas igrejas cristãs tornou-se rotina, por vezes, enfadonho e repetitivo. O professor James D. G. Dunn, ao prefaciá-lo Schnelle¹²¹, é contundente ao afirmar que é necessário redescobrir Paulo, aprender sobre Paulo e de Paulo, ter uma boa abordagem dele, de suas cartas e ensinamentos, sendo uma prioridade necessária.

Paulo, escolhido de Deus para levar as boas-novas (o evangelho da justiça redentora de Deus, através de Cristo) a todos as pessoas, convida a todos, judeus e gentios, a tornarem-se parte de sua família pela fé e pelo arrependimento e assim experimentarem a alegria da salvação. Paulo proclama em seus ensinamentos que aqueles que depositam sua fé em Cristo são libertos da tirania do pecado e da morte e, novamente, têm paz com Deus. Cristo, enviado ao mundo, morto e crucificado, cumpriu as promessas de Deus – a nova aliança para com Abraão – de que todas as nações seriam abençoadas. Paulo explica, ao evangelizar, como Jesus Cristo conquistou a redenção e que a exaltação de Cristo é para a glória de Deus¹²².

De acordo com Rohden¹²³, Paulo é o “grande bandeirante Cristo-cêntrico”, a favor da Cristo-redenção, que redime o ser humano de seus pecados. É Cristo dentro do coração do ser humano e sobre si mesmo afirma: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...” Gl 2.20. “... porque para mim o viver é Cristo... Fl 1.21. O Cristo cósmico já não é simplesmente identificado com a pessoa de Jesus de Nazaré, que revelou Deus ao mundo, mas o “Verbo que se fez carne e habita em nós - Jo 1:14-, é o Cristo interno”. Segundo o Evangelho de João, no capítulo 15:5, Jesus se dirige aos seus discípulos dizendo “... eu sou a videira e vós sois os ramos...” e ainda acrescenta que o ramo que estiver ligado à videira será limpo e dará fruto.

Para Paulo, em Fl 2.6-11, a consolidação do senhorio de Cristo se dá através de sua ressurreição e exaltação. Por ter se abdicado de ser igual a Deus, de

¹²¹ SCHNELLE, 2014, p. 18.

¹²² SCHREINER, 2015, p. 33.

¹²³ ROHDEN, 1989, p. 101.

ter se tornado homem, ser humilhado até a morte e morte de cruz, Deus o exaltou, conferindo-lhe o nome de Senhor Jesus. Assim, todas as criaturas do universo se curvarão a Cristo e reconhecerão seu senhorio. Essa nova dimensão do senhorio de Cristo se tornou evidente com a sua ressurreição. A conexão entre a entronização de Jesus e seu senhorio fica evidente também em Rm 10:9 que diz “a salvação pertence àqueles que reconhecem a Jesus como Senhor e creem que ele foi ressuscitado dentre os mortos.” Aos colossenses, Paulo confirma o senhorio de Cristo ao afirmar que “Cristo é a cabeça da Igreja”... Cl 1.19 e ainda ressalta seu domínio sobre as potestades e também sobre qualquer autoridade Cl 2.10¹²⁴.

A cruz de Cristo é introduzida por Paulo como critério teológico decisivo de reconhecimento de Deus, do mundo e de si mesmo. Não é indicada como objeto de autoafirmação humana, ao contrário desconstrói qualquer auto veneração. Sobre a cruz, Paulo não argumenta. Paulo fala a partir da cruz. Para a sabedoria dos homens, a cruz é loucura, mas para os que creem é poder de Deus (I Cor 1.18). Na cruz está a sabedoria de Deus, por isso “quem se gloria, glorie-se no Senhor Jesus” (I Cor 1.31). Deus escolheu a cruz para o lugar de sua sabedoria, Jesus tornou-se para a Igreja a sabedoria de Deus¹²⁵.

Jesus Cristo é a “imagem de Deus” afirma Paulo, em alguns trechos de suas cartas como 2 Cor 4.4; Cl 1.15; Rm 8.29. Tal formulação remete a Adão (e Eva) que foram criados à “imagem de Deus” Gn 1.27. Uma imagem representa uma cópia, sem vida e imperfeita da imagem original, porém os autores bíblicos entendem que a imagem compartilha da realidade e da natureza do original. Paulo identifica Jesus como sendo o segundo Adão, cujo chamado era para dominar o mundo (Gn 1.26), mas o domínio que lhe era salutar foi arruinado pela queda, ou seja, pelo pecado. Adão falhou, mas o plano de Deus de sujeitar o mundo ao seu senhorio triunfou através de Jesus, o Messias¹²⁶. Schreiner¹²⁷ afirma, que:

Somente por meio de Jesus Cristo, imagem única e exclusiva de Deus, podem os seres humanos alcançar o que Deus tinha planejado ao criar Adão à sua imagem. É interessante observar, portanto, a íntima correlação entre “o novo homem” e ser restaurado ao “conhecimento conforme a imagem (de Deus)” em Colossenses 3:10. As pessoas são restauradas à plenitude da imagem divina através do conhecimento redentor de Deus, e

¹²⁴ SCHREINER, 2015, p. 104.

¹²⁵ SCHNELLE, 2014, p. 233.

¹²⁶ SCHNELLE, 2014, p. 102.

¹²⁷ SCHREINER, 2015, p. 333.

tal conhecimento se torna realidade por meio de Jesus (Co 3:18; Ef 4:24). De fato, os que são “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29) são predestinados por Deus a compartilhar dessa alegria.

A ideia a ser tipificada é a representação por Cristo daqueles que pertencem a ele, a inclusão dos “muitos” em Um e a aplicação, sobre muitos, daquilo que ocorreu ou ainda ocorrerá, em Cristo e com o Cristo. Trata-se aqui não apenas das expressões “em Cristo”, “com Cristo”, mas de como pensar o relacionamento entre Cristo e aqueles que são seus de maneira diferente, e mais objetiva do que a interpretação em direção ao misticismo grego. Com isso, o paralelo Adão-Cristo pode ter significado mais amplo do que aquele pressuposto baseado nos pronunciamentos explícitos (em Rm 5 e I Co 15). Ser “um em Cristo” é ideia específica de Paulo de que a Igreja é “corpo de Cristo”, assim como, também, está o significado da obra redentora abrangente de Cristo com respeito a “todas as coisas”¹²⁸.

Um momento bastante relevante na história da Igreja foi a conversão de Paulo (o perseguidor), a caminho de Damasco, como já mencionado, pois seria ele o apóstolo das nações, o grande propagador do Evangelho de Cristo.

Muito antes de se converter ao cristianismo, Paulo era um estudioso das escrituras. Ele foi ensinado por Gamaliel, grande conhecedor do Antigo Testamento (At 22.3). Quando foi encontrado por Jesus, na estrada de Damasco, foi comissionado a pregar a Palavra – entendida pelos cristãos como evangelho de Cristo – aos gentios. Assim passou a explicar que os evangelhos foram escritos por homens, mas inspirados por Deus. Que o Espírito Santo habilitou esses homens de Deus a escrever a Palavra (II Timóteo 3.16-17). Paulo demonstrou-se comprometido em ensinar as escrituras, Ele mesmo afirma aos anciãos em Éfeso: Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus - At 20.27¹²⁹.

Paulo diz, em I Co 15.3, que Cristo morreu pelos pecados da humanidade e ressurgiu dentre os mortos para a redenção da mesma. Nisto consiste a graça de Deus. Afirma Lopes¹³⁰:

¹²⁸ RIDDERBOS, Herman. **A teologia do Apóstolo Paulo**: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

¹²⁹ GEORGE, J. **Eu quero viver para Cristo como Paulo**. Graça Editorial, Rio de Janeiro, 2013.

¹³⁰ LOPES, 2012.

Não há evangelho onde a cruz de Cristo é banida. Não há cristianismo onde a morte expiatória de Cristo é relegada a segundo plano. Não há remissão de pecados sem o derramamento do sangue do Cordeiro de Deus. De igual forma, sem a ressurreição de Cristo seu sacrifício não teria eficácia. A ressurreição é o estandarte da vitória, é a consumação triunfante da obra redentora.

Em Romanos 5.17, Paulo fala sobre a relevância da abundância da graça, que todo ser humano precisa ser preenchido da graça até a borda, até que transborde e que se possa experimentar o reinar da graça. Quando reina a graça, o pecado, a morte e Satanás são subjugados e espezinhados. Sendo assim, no cristão reina a graça e reina em vida. Reinar em vida é maior e mais elevado que apenas ser salvo na vida de Cristo¹³¹.

Em Colossenses 1.24-29, Paulo deixa claro que sua missão é proclamar o Evangelho e seus mistérios. Afirmava que recebera a mensagem que pregava do próprio Deus e zelosamente pregava a todos. Não se ressentia com suas agruras, pois as tinha o sofrimento em prol da Igreja como um todo. Paulo sofria pela Igreja. Suas viagens, lutas, privações e prisões tinham sempre o objetivo de promover o bem, a edificação e expansão do povo de Deus (2 Co 1.6; 12.15; Ef 3.13; 2 Tm 2.10). No versículo 25, de Colossenses 1, Paulo diz que se tornou ministro, termo usado quando se refere a que presta auxílio ou se dedica a um serviço¹³².

A mensagem que Paulo apregoava era desconhecida tanto para os judeus como para os gentios. Somado a isto, ele precisava apregoar o evangelho de maneira que convencesse os judeus a abandonarem a ideia de que a salvação era exclusiva ao povo de Israel, sem menosprezar os gentios. Porém, pregava confiado em Cristo que concedeu a missão de proclamar o evangelho, que é poder de Deus e salvação para todo aquele que crê “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (1Co 1:18) compare com “E qual a sobre excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder...” Ef 1:19-23.

Mears¹³⁴ é contundente ao afirmar que Paulo ocupa o lugar mais importante de todos os homens do Novo Testamento. Que em cada passo de suas três viagens missionárias tornou conhecida a vontade de Cristo. Ele converteu e foi feito apóstolo

¹³¹ LEE, W. **Estudo-Vida Romanos**. 3ª ed. São Paulo: Editora Árvore da Vida, 1984.

¹³² GRANCONATO, M. **Colossenses 1.24-29** - A Missão de Paulo de Proclamar o Mistério do Evangelho. Disponível em: <http://www.igrejaredencao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1069:colossenses-124-29-a-missao-de-paulo-de-proclamar-o-misterio-do-evangelho&catid=42:colossenses&Itemid=154#.WmuW966nHIU>. Acesso em: 12 jan. 2017.

¹³³ CRISPIM, C. **Efésios 3** – o ministério revelado, 2012. Disponível em: <<http://www.estudosbiblicos.org/efesios-3-o-misterio-revelado/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

¹³⁴ MEARS, H. C. **Estudo panorâmico do Bíblia**. São Paulo: Editora Vida: Deerfield, 1982.

pelo próprio Cristo e recebeu Dele revelações diretas da verdade e a doutrina da Igreja. Assim Paulo se tornou o apóstolo dos gentios, como Pedro dos judeus.

A reconciliação horizontal entre judeus e gentios não é o maior objetivo de Paulo, embora muito importante. Paulo não se dá por satisfeito quando as promessas salvadoras se realizam entre eles. A excelência de sua missão era ver Deus glorificado, cujo ponto mais alto é quando judeus e gentios, juntos, adoram e louvam a Deus. Paulo cita textos do Antigo Testamento, por exemplo, Deuteronômio 32.43; 2 Sm 22.20; Sl 117.1, Is 11.10 que enfatizam especialmente a adoração conjunta de judeus e gentios no povo de Deus¹³⁵.

Paulo estava convencido da existência de um único Deus e que esse mesmo Deus realizou um grandioso projeto histórico em Jesus Cristo, e assim o escolheu, como apóstolo dos gentios para realizar esse projeto (Gl 1.16). Cabia a Paulo anunciar aos gentios o evangelho da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo para a salvação de ao menos alguns (I Co 9.16). O apóstolo Paulo se considerava apto para isso, embora se intitulasse o “menor dos apóstolos”. Para ele, o evangelho resume-se na vontade salvífica definitiva de Deus em Jesus Cristo. O evangelho torna-se o poder salvífico para cada pessoa que crê na morte e ressurreição de Jesus¹³⁶.

Sendo revelado a Paulo o mistério a respeito do plano de Deus de incorporar os gentios a Cristo, Paulo entendeu que o ministério que lhe fora confiado deveria ser dirigido principalmente a eles. Estava consciente que deveria levar-lhes a mensagem de boas novas grandiosas, ou seja, “as insondáveis riquezas de Cristo”, disponíveis por causa da Cruz. Estas riquezas podem ser entendidas em efésios capítulos 1 e 2. Incluem a ressurreição da morte no pecado, a entronização com Cristo em lugares celestiais, a reconciliação com Deus, o fim da hostilidade e o começo da paz¹³⁷.

Apesar de citadas algumas vezes, no escopo deste estudo, é mister uma abordagem, ainda que resumida, das cartas de Paulo, por serem de total relevância, tanto para a vida da Igreja, quanto para o entendimento de sua Teologia.

¹³⁵ SCHREINER, 2015.

¹³⁶ SCHNELLE, 2014.

¹³⁷ STTOT, J. R. W. **A Mensagem de Efésios**. 4 ed. São Paulo: ABU Editora, 1994.

Os cristãos, tradicionalmente, reconhecem 13 (treze) das 21(vinte e uma) cartas contidas no Novo Testamento. Na antiguidade greco-romana apresentavam-se dois gêneros de cartas: a) as cartas familiares, comerciais, políticas e etc.; b) as epístolas, uma espécie de tratado sobre algum tema, dirigidas a uma personalidade, um amigo ou um familiar. Paulo lançava mão dos dois gêneros. A ordem em que aparecem na Bíblia é artificial, não obedece a ordem cronológica. Primeiro se agrupam as cartas dirigidas às comunidades, em seguida, às pessoas particulares, sendo primeiro as mais longas e depois as mais curtas¹³⁸.

Alguns estudiosos as agrupam de forma diferente: a) Cartas maiores: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas e I e II Tessalonicenses; b) Cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon; c) Cartas pastorais: I e II Timóteo e Tito. Há uma discussão sobre a autoria das mesmas, devido à linguagem e problemas existentes nas comunidades no final do primeiro século. Há também a certeza de que algumas foram perdidas, já que em I Cor 5.9, menciona-se uma primeira carta aos coríntios. Paulo, em Cl 4.16, refere-se a uma carta escrita aos cristãos da Laudiceia. Ainda pode-se citar a “carta em lágrimas” aos coríntios, citada em II Cor 2.4. Existem afirmações de que a carta aos filipenses é um conjunto de vários bilhetes e II Cor seria o agrupamento de várias cartas escritas em diferentes ocasiões. O que importa, porém, é que as treze cartas são autênticas e que a obra de Deus em Cristo é o fundamento da Teologia Paulina¹³⁹.

Quanto às cartas, é importante ressaltar, que antigamente não era costume o autor escrever pessoalmente os seus livros, mas ditava-se a um secretário, assim o espírito ficaria mais livre e o trabalho mais intelectual. Rohden¹⁴⁰ cita o exemplo de que Paulo estava em Corinto com Timóteo e Silas, quando começou a ditar para Timóteo: “Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja Tessalônica, em Deus Pai e Senhor Jesus Cristo a graça e a paz...” Ainda afirma o autor que, com esta epístola, cria-se na Bíblia um novo estilo literário: a instrução por meio de cartas.

Paulo estava convicto da presença escatológica da salvação de Deus em Jesus Cristo, sendo a salvação o centro de sua teologia. Para ele, Deus se levantou em Cristo, crucificado e ressuscitado e que em breve voltaria do céu sua vontade

¹³⁸ SCHREINER, 2015, p. 401.

¹³⁹ SCHREINER, 2015, p. 401.

¹⁴⁰ ROHDEN, 1989, p. 232.

definitiva de salvar o mundo inteiro. Em todas as cartas a salvação é a base de toda argumentação paulina¹⁴¹.

Como bandeirante que era e fundador de comunidades e igrejas, Paulo passou por inúmeras adversidades, como comentado no capítulo anterior, juntamente com seus companheiros, ora Timóteo, ora Silas. Foi flagelado, humilhado e preso. De quase todas as cidades, saía corrido, expulso, enxotado, arrastado, apedrejado e, às vezes, jogado em “lixões”. Por isso mesmo, precisava garantir que os novos cristãos continuassem íntegros, firmes na fé e na convicção da salvação e da propagação do evangelho. O meio encontrado foram as cartas¹⁴².

Pela complexidade do tema, escolheu-se comentar nesse item a Carta aos Coríntios e a Carta aos Romanos. Entretanto, antes de passar para essas cartas, é importante trazer um breve comentário sobre as outras cartas de Paulo.

A Carta aos Gálatas foi escrita no intuito de chamar de volta os devotos à fé cristã, pois estavam voltando aos ritos do judaísmo, enfatizando que somente a fé salva. Mears¹⁴³ comenta: “Esta carta contribuiu mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento para libertar a fé cristã do judaísmo (da lei), e do fardo da salvação pelas obras, ensinada por tantos falsos cultos, que têm ameaçado o Evangelho simples do nosso Senhor Jesus Cristo”. Já na Carta aos Efésios, Paulo mostra o grande mistério da Igreja: “A verdadeira Igreja é o corpo de Cristo, e os crentes são membros desse corpo sagrado, do qual Cristo é o cabeça”¹⁴⁴.

Sobre a Carta aos Colossenses, é importante comentar suas semelhanças e diferenças com a Carta aos Efésios. Ambas foram escritas durante a prisão de Paulo em Roma, trazem importantes doutrinas do Evangelho, além de terem sido escritas para serem lidas em voz alta nas Igrejas. Mears¹⁴⁵ menciona que:

Efésios fala de todos os crentes, chamando-os de “o corpo de Cristo”. Colossenses fala da “cabeça” do corpo, Jesus Cristo. Em Efésios, a Igreja de Cristo é o tema central. Em Colossenses, salienta-se o Cristo da Igreja. Ambos são necessários. Não pode haver corpo sem cabeça, nem cabeça sem corpo. Note que por todo livro de Colossenses é Cristo, Cristo, Cristo.

¹⁴¹ SCHNELLE, 2014, p. 532.

¹⁴² ROHDEN, 1989, p. 204.

¹⁴³ MEARS, 1982, p. 417.

¹⁴⁴ MEARS, 1982, p. 429.

¹⁴⁵ MEARS, 1982, p. 449.

Na Carta aos Filipenses, Paulo apresenta Jesus Cristo como nossa alegria. “Cristo é o segredo da alegria”. “Esta é a alegria que perdura no meio das dificuldades e problemas”. No que diz respeito às duas Cartas aos Tessalonicenses, nelas, o tema principal que Paulo aborda é a segunda vinda de Jesus Cristo. “As duas epístolas contêm vinte diferentes referências à vinda do Senhor¹⁴⁶”.

Já em relação a 1 e 2 Timóteo e Tito, essas cartas são consideradas “epístolas pastorais”. Timóteo e Tito eram ministros importantes e as cartas contêm instruções de como conduzir as igrejas e os rebanhos com a partida de Paulo¹⁴⁷. E, por fim, a Carta a Filemon pode ser considerada um manual de serviço social, já que nela intercede em favor de um escravo foragido, mostrando o “poder do Evangelho para ganhar um ladrão e um escravo foragido e para mudar o modo de pensar de seu senhor”. É uma carta pequena, com apenas um capítulo e vinte e cinco versículos, mas que contém, segundo Mears, “declarações tão incisivas e belas, expressas de tal forma que a carta se destaca como joia, mesmo no Livro dos livros¹⁴⁸”.

4.1 Cartas aos Coríntios

Corinto era considerada uma cidade rica pela sua situação geográfica favorecida por ter dois portos, um que levava direto para a Ásia e outro para a Itália, tendo fortalecido o seu comércio. Além dos jogos ístmicos que atraíram milhares de pessoas, havia ali o rico templo de Afrodite, com mais de mil escravos e prostitutas do templo, além de homens e mulheres que se dedicavam à deusa. A igreja de Corinto foi fundada quando Paulo apresentou o evangelho em uma de suas viagens missionárias (At 18)¹⁴⁹.

Paulo permaneceu por um ano e meio, aproximadamente, em Coríntio, e lá fundou uma comunidade cristã. Após ter partido, dúvidas sobre a ressurreição do homem começaram a se levantar no seio da comunidade. Os cristãos acreditavam

¹⁴⁶ MEARS, 1982, p. 459.

¹⁴⁷ MEARS, 1982, p. 477.

¹⁴⁸ MEARS, 1982, p. 496.

¹⁴⁹ ALMEIDA, Valdemir Sarmiento de. **A Teologia de Paraklesis na perspectiva paulina e dos Coríntios e sua influência na igreja cristã brasileira pós-moderna**: uma contribuição à prática da coleta. 2017. 72f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/763/1/almeida_vs_tmp483.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

na ressurreição de Cristo, mas duvidavam da sua. Neste caso, questionavam se haveria ou não a ressurreição dos mortos e como esta seria. No Capítulo 15, da primeira carta, Paulo aborda o assunto, sendo a ressurreição o centro de sua pregação aos cristãos, dizendo sobre a esperança na ressurreição, a partir da experiência que tiveram, quando da ressurreição de Cristo. Com essa experiência tudo teve um novo começo. Agora eles poderiam proclamar que o Deus a quem seguiam era um Deus que vencera o maior inimigo da humanidade, a morte¹⁵⁰.

Na segunda carta escrita aos coríntios, assim como na primeira, Paulo expressa seu inexplicável amor pela Igreja, abre seu coração. Revela seus motivos e sua paixão espiritual.

Mas em que se baseiam essas esperanças cotidianas? Certamente não em suas realizações visíveis, pois o trabalho do apóstolo acontece em meio a muita tentação e muito sofrimento. Necessidades físicas e materiais, doença, mal-entendidos, brigas, divisões nas comunidades, preocupações, perseguições (cf. 2 Co 11.23ss.). O trabalho do lavrador é árduo, o chão é duro. Ele vive a esperança sob o signo da cruz (2 Co 4.7-12). A cruz é o que os olhos captam. Mas o conteúdo central da esperança é formulado por Paulo como “ressurreição dos mortos”, com base no fato concreto da ressurreição de Jesus Cristo (1 Co 15.19-22; cf. 1 Pe 1.3)²⁶. Parece que essa esperança fundamental para Paulo foi a que mais causou espanto e mal-entendidos entre os que ouviram sua pregação (cf. At 23.6; 26.6,7; 28.20). Os coríntios, por exemplo, entenderam a mensagem de uma forma bem diferente. Entenderam que a ressurreição se realiza no presente (v. 19a). Assim sendo, nada resta para além da morte (v. 19; 1 Ts 4.13; cf. Ef 2.12). Com isso desfizeram o ponto essencial da esperança cristã e reduziram-na ao aspecto visível, ao prazer de agora. “Comamos e bebamos que amanhã morreremos.” (V. 32b.) Para o apóstolo o fato da ressurreição dos mortos está, de qualquer maneira, assegurado pela ressurreição de Cristo, sendo esta a base da sua e da nossa esperança¹⁵¹.

É importante comentar aqui que Paulo escreveu as cartas à Igreja de Coríntios enquanto estava em Éfeso, em sua terceira viagem missionária e, como comentado anteriormente, com a ausência de Paulo, a Igreja de Corinto encontrou uma série de problemas. Paulo, então, na Primeira Carta aos Coríntios, preocupou-se com a unidade e ordem nessas igrejas locais. Os coríntios enviavam perguntas à Paulo e esse tentava respondê-las, sendo os temas abordados: lealdade, imoralidade, liberdade, adoração, ressurreição¹⁵².

¹⁵⁰ SOUZA, Tiago Dias de. **A Apologia da ressurreição em 1 Coríntios 15**. 2014. 73f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/682>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

¹⁵¹ SCHREINER, 2015, p. 405.

¹⁵² **BÍBLIA de Estudo**: Aplicação Pessoal. CPAD: 2004.

Já na Segunda Carta aos Coríntios, procurou responder os ataques feitos ao seu caráter e autoridade, explicando a natureza do ministério cristão, sendo uma carta de extrema importância para as pessoas que querem desenvolver algum ministério cristão. Os temas abordados nessa carta são: provas, disciplina da Igreja, esperança, doação e são doutrina¹⁵³.

4.2 A Carta aos Romanos

A carta aos romanos é uma obra bem estruturada, composta de três temas: salvação, vida e edificação, dos quais o principal é a salvação. Esta é revelada em Rom 1.1–5.11 e 9.1–11:31 e inclui a propiciação, perdão dos pecados; a redenção, cumprimento dos planos de Deus por Cristo para libertação do ser humano; a justificação, resultado da graça divina que torna a humanidade mais justa; a reconciliação, aproximação do ser humano com Deus por meio de Jesus Cristo; a eleição, refere-se à eleição do povo de Israel em At 13.17, e especialmente para Paulo, a maneira divina como foi tratado o povo de Deus e a predestinação, no passado o ser humano foi predestinado por Deus à salvação. A salvação é, portanto, o trabalho que Deus realizou através da redenção de Jesus Cristo sobre o ser humano. A salvação destina-se à vida, revelada no capítulo 5.12–8.39, vida para a santificação, ou seja, santificação em vida.- infusão da natureza santa de Deus no interior do ser humano. Em Romanos 12.1–16.27, última parte da carta, Paulo fala sobre a edificação do corpo com todas as expressões nas igrejas locais. Refere-se à parte prática da vida, a transformação com vistas à santificação e glorificação. Assim, a salvação destina-se à vida, e a vida destina-se à edificação¹⁵⁴.

O tema principal da carta aos Romanos e o plano da salvação e a importância de levar esse plano aos gentios. Paulo fala aos Romanos do amor Divino. É um amor tão intenso, é um amor de entregar-se até a morte. A morte de Jesus não foi ato de heroísmo, mas antes um ato absurdo por não haver explicação racional que o justificasse. Nisto consiste o milagre do amor de Deus pelos pecadores. O ser humano pode até rejeitar o amor de Deus, mas nunca o invalidar. O amor Divino independe do comportamento do ser humano diante dele. Este é anterior a qualquer manifestação humana de aceitação ou não. O amor de Deus não

¹⁵³ BÍBLIA, 2004.

¹⁵⁴ LEE, 1984.

necessita da ratificação humana. No Novo Testamento (NT), amar é um utilizado inúmeras vezes, palavra derivada do grego, *avgapa* (*agapáo* - amar/amoll), *avgaph* (*agápe* - —amorll), e *avgapeto* (*agapetés* - amado/queridoll). Assim, para Paulo, ágape é o amor elege. Quando emprega *agapetosll* quer dizer tanto —o amadoll quanto —o escolhidoll ou —o chamadoll (*kaleo*). Romanos 5:8, resume a amorosa entrega de Cristo como pura e simples dádiva divina. Está nesse versículo o “coração” do tema da salvação¹⁵⁵.

O texto, em Romanos 3.21–5.21, mostra a importância decisiva do conjunto das Carta aos Romanos. Resume o tema central da carta. A partir dele se tem condição de compreender, o todo da carta e os pressupostos básicos do Evangelho de Paulo, o qual, não somente é anunciado aos judeus, mas também aos gentios. Neste sentido, o Apóstolo Paulo possibilita compreender melhor o alcance do mistério de Jesus Cristo ao mundo inteiro¹⁵⁶.

Nos Capítulos 6 a 8, de Romanos, Paulo refere-se a três pontos importantes, em se tratando de como viver como cristão. Primeiro, sugere que Cristo morreu por toda humanidade (Rm 6:3-5, 10), e juntamente com ele, morrem todos os homens (6:8). Neste sentido, a humanidade deve conscientizar-se disso. Em segundo lugar, conseqüentemente o ser humano deve considerar-se morto para o pecado (Rm 6.8) e vivo para Deus. Por último, o ser humano deve oferecer-se a Deus. Isso significa renúncia de sua própria vida, para que viva Deus. É vida de submissão, a maneira certa de viver uma vida de vitórias e bênçãos (Rm 6.13). Ainda, segundo a autora, em Coríntios, capítulo 12, Paulo trata dos dons que o Espírito Santo dá aos crentes. Fala da mudança na vida dos cristãos a partir da adoração a Cristo e o abandono aos ídolos mortos. Paulo mostra que o propósito dos dons é a edificação da Igreja (I Cor 12). Deverão ser usados com amor, primorosamente descrito, em I Coríntios 13, “Hino do Amor”¹⁵⁷.

A vida de Paulo é caracterizada pelo amor, pela compaixão, paz, humildade, além de tantas outras qualidades nobres. Pela sua determinação fez dele um

¹⁵⁵ ZITKKE, Ângela. **Amor divino na carta aos romanos**: análise histórica, exegética e sistemática da entrega de Cristo em texto selecionados. 2011. 391f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

¹⁵⁶ RUBINI, Ademir. **O Evangelho da Liberdade**: uma análise de Gálatas 5,1-6. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

¹⁵⁷ MEARS, 1982.

homem influente. Inspirado por Deus escreveu 13 livros (cartas) do Novo Testamento, apesar da precariedade de materiais para este fim. Documentou as principais verdades da vida cristã, dentre elas, a justificação pela fé, a igreja como corpo de Cristo, a ressurreição, a volta de Cristo e o Reino de Deus. Foi pioneiro como missionário e fundador de igrejas, cujas doutrinas influenciaram as igrejas na atualidade. Foi o maior incentivador de homens cristãos a continuarem seu ministério. Ainda hoje, a Igreja é desafiada a estabelecer o padrão estabelecido a um de seus discípulos: E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fieis que sejam também capazes de ensinar a outros (2 Tm 2.2)¹⁵⁸.

Assim, após os breves comentários sobre a vida e obra de Paulo feitos nesses três capítulos, ressalta-se a importância de Paulo como escolhido por Deus para disseminar os ensinamentos de Jesus Cristo a todos os povos, tendo entendimento à promessa de Deus em abençoar a todos por meio de Jesus, seja judeu ou gentio. “Deus escolheu Paulo como seu embaixador e apóstolo às nações, mas também planejou que o evangelho fosse disseminado através do sofrimento de Paulo.”¹⁵⁹

¹⁵⁸ GEORGE, 2013.

¹⁵⁹ SCHREINER, 2015, p. 449.

5 CONCLUSÃO

Saulo, nome de Paulo antes da conversão em Damasco, foi um cidadão romano, hebreu, israelita, criado em Tarso, apesar de ser de família judaica convicta e praticante, viveu, então, em um ambiente multicultural, estando envolto da cultura heleno-românica do Ocidente e semita-babilônica do Oriente, o que, provavelmente influenciou em suas futuras pregações. Estudou em Jerusalém, na Escola do Templo, tornando-se “Doutor da Lei”. Com idade de trinta anos, retornou à Jerusalém, já tendo ouvido várias histórias sobre a ressurreição de Jesus, sendo quase certo que nunca esteve pessoalmente com o Nazareno. Em Jerusalém presenciou a morte de Estevão, um fervoroso seguidor de Jesus, o que teve forte impacto sobre sua vida e, conseqüentemente, sobre a história do Cristianismo. Após o episódio de Estevão, seguiu para Damasco com intuito de empreender uma missão de perseguição aos cristãos, entretanto, no caminho, teve uma visão do Cristo, o que mudou os rumos da sua vida e da nova religião que surgia, Paulo, então, passa de perseguidor a um dos mais fervorosos pregadores da palavra de Jesus.

Em Damasco, Paulo é acolhido por seguidores de Cristo, após isso, fez um retiro espiritual de três anos na Arábia, retornando à Damasco, onde começa suas pregações. Após conhecer Barnabé, Paulo inicia suas três grandes viagens missionárias para divulgar o Evangelho, o que durou em torno de doze ou treze anos. Durante essas viagens, nas quais nunca viajou sozinho, Paulo foi açoitado, humilhado, preso, entretanto, também logrou muito êxito, já que fincou, em diversas localidades, as raízes do Cristianismo. Após sua terceira viagem missionária, Paulo vai a Jerusalém, onde é preso e espancado na praça do templo, permanecendo preso por quatro anos. Após isso, foi solto, ficando seis a sete anos livre, quando é preso e morto, com idade em torno dos 62 anos, sob o domínio romano de Nero.

Dessa forma, a vida de Paulo é caracterizada pelo amor, pela compaixão, paz, humildade, além de tantas outras qualidades nobres. Pela sua determinação fez dele um homem influente. Inspirado por Deus escreveu 13 livros (cartas) do Novo Testamento, apesar da precariedade de materiais para este fim. Documentou as principais verdades da vida cristã, dentre elas, a justificação pela fé, a igreja

como corpo de Cristo, a ressurreição, a volta de Cristo e o Reino de Deus. Foi pioneiro como missionário e fundador de igrejas, cujas doutrinas influenciaram as igrejas na atualidade. Foi o maior incentivador de homens cristãos a continuarem seu ministério. Ainda hoje, a Igreja é desafiada a estabelecer o padrão estabelecido a um de seus discípulos: E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fieis que sejam também capazes de ensinar a outros (2 Tm 2.2)¹⁶⁰.

Diante do exposto nesse trabalho, a vida de Paulo é fonte repleta de ensinamentos quase inesgotáveis, sendo, durante os séculos, produzidas inúmeros obras que tentam descortinar a vida e a obra desse homem tão fascinante. Apesar dessa constatação, Rohden¹⁶¹ tenta resumir a vida de Paulo na seguinte afirmação: “Trinta anos de farisaísmo em Tarso e Jerusalém, três dias de concentração em Damasco, três anos de retiro espiritual na Arábia, trinta anos de indefeso apostolado mundial, e tudo isso ruborizado pelo sangue do martírio”.

¹⁶⁰ GEORGE, 2013.

¹⁶¹ ROHDEN, 1989, p. 53.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valdemir Sarmiento de. **A Teologia de Paraklesis na perspectiva paulina e dos Coríntios e sua influência na igreja cristã brasileira pós-moderna: uma contribuição à prática da coleta**. 2017. 72f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/763/1/almeida_vs_tmp483.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ALVARENGA, Luiz Gonzaga. **Paulo: o último apóstolo**. [s.n.], 2012.

BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do Apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

BÍBLIA de Estudo: Aplicação Pessoal. CPAD: 2004.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

COSTA, Lorena Munhoz; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Paulo de Tarso: A educação no Cristianismo Primitivo. In: **IV Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica da CESUMAR**, 2008. Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), 2008. Disponível em: <www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/qua_mostra/Lorena_Munhoz_Costa.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

CRISPIM, C. **Eféios 3 – o ministério revelado**, 2012. Disponível em: <<http://www.estudosbiblicos.org/efesios-3-o-misterio-revelado/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Paulo de Tarso, um breve perfil biográfico**, 2008. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1248&id_autor=25&id_utente=&caso=artigos>. Acesso em: 1 out. 2017.

GEORGE, J. **Eu quero viver para Cristo como Paulo**. Graça Editorial, Rio de Janeiro, 2013.

GONÇALVES, Edson Poujeaux. **A vida de Paulo**. Patos: Seminário Evangélico de Patos, 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/82360841/A-vida-de-Paulo-PDF>>. Acesso em: 04 out. 2017

GRANCONATO, M. **Colossenses 1.24-29 - A Missão de Paulo de Proclamar o Mistério do Evangelho**. Disponível em: <http://www.igrejaredencao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1069:colossenses-124-29-a-missao-de-paulo-de-proclamar-o-misterio-do>

evangelho&catid=42:colossenses&Itemid=154#.WmuW966nHIU>. Acesso em: 12 jan. 2017.

LEÃO, Delfim Ferreira; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. **Cidadania e Paideia na Grécia Antiga**. Coimbra, Portugal: Coimbra University Press, 2010. JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEE, W. **Estudo-Vida Romanos**. 3 ed. São Paulo: Editora Árvore da Vida, 1984.

LOBATO, Vivian da Silva. **Revisitando a educação na Grécia Antiga: A Paidéia**. 2001. 31f. Monografia (conclusão de curso) – Universidade da Amazônia – UNAMA – Centro de Ciências Humanas e Educação, Graduação em Pedagogia, Belém, 2001.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2012.

MEARS, H. C. **Estudo panorâmico do Bíblia**. São Paulo: Editora Vida; Deerfield, 1982.

MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho**. 1 ed. São Paulo: Paulos, 1991.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação Na Antiguidade Cristã**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. E.; WHITE JR, W. **O mundo do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 1994.

POLLOCK, John. **O apóstolo**. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 1989.

RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões. **Paulo de Tarso: Grego e Romano: Judeu e Cristão**. Coimbra: FCT, 2012.

RIDDERBOS, Herman. **A teologia do Apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

ROHDEN, Huberto. **Paulo de Tarso: o Maior Bandeirante do Evangelho**. 6 ed. São Paulo: Fundação Alvorada, 1999.

RUBINI, Ademir. **O Evangelho da Liberdade: uma análise de Gálatas 5,1-6**. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

SANTOS, Fábio Vaz dos. Paulo, um homem em Cristo. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi3qq6auMHZAhXSjVkkHXoaDdEQFghEMAU&url=http%3A%2F%2Fead.batistapioneira.edu.br%2Fojs%2Findex.php%2Fensaios%2Farticle%2Fview%2F151&usq=AOvVaw3r1VJEOxabeVlh8uJol-Y9>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SCHNELLE, UDO. **Paulo**: Vida e Pensamento. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: O Apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SOUZA, Tiago Dias de. **A Apologia da ressurreição em 1 Coríntios 15**. 2014. 73f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Mestrado em Teologia, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/682>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SPURGEON, C. H. **A conversão de Saulo de Tarso**. Projeto Spurgeon. Disponível em: <www.projetospurgeon.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2018.

STTOT, J. R. W. **A Mensagem de Efésios**. 4 ed. São Paulo: ABU Editora, 1994.

VASCONCELOS, Edjar Dias. **O que é a Filosofia Estoica**, 2016. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos-academicos/21053-o-que-e-a-filosofia-estoica>>. Acesso em: 02 out. 2017.

WIESE, Werner. Elementos da nova perspectiva sobre Paulo a partir de representantes clássicos. **Elementos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p.142-156, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318288690_Elementos_da_Nova_Perspectiva_sobre_Paulo_a_partir_de_representantes_classicos>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ZITKKE, Ângela. **Amor divino na carta aos romanos**: análise histórica, exegética e sistemática da entrega de Cristo em texto selecionados. 2011. 391f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2011.